



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A importância da relação professor-aluno no processo de ensino-
aprendizagem**

CECÍLIA DE SOUZA

BRASÍLIA

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A importância da relação professor-aluno no processo de ensino-
aprendizagem**

CECÍLIA DE SOUZA

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da Prof^aDr^a Cristina Madeira Coelho

Brasília
2013

CECÍLIA DE SOUZA

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr^a. Cristina Madeira Massot Madeira Coelho

Prof. Dr^a. Fátima Vidal Rodrigues

Prof. Dr^a. Patrícia Matins Pederiva

Brasília, 21 de Março de 2014.

Dedico este trabalho à minha família, principalmente à minha mãe e à minha irmã, e aos amigos, que contribuíram para realização deste trabalho, e que são o meu bem mais precioso e exemplo de força e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer a Deus, que me deu o dom da vida e a chance de ter vivido parte dela, com todas as graças concebidas por Ele, aqui na Universidade de Brasília, principalmente porque foi Ele quem me deu forças para chegar até aqui e terminar esse Trabalho de Conclusão de Curso.

À minha mãe querida, que é minha grande inspiração em tudo nessa vida, que se dedicou à minha criação, sozinha e com muito esforço, que se mostrou essa pessoa batalhadora, que me fez ir mais longe, e que se não fosse por ela não passaria por nada disso. É uma forma dela se orgulhar, vendo sua filha formada pela Universidade de Brasília. Pelo constante apoio e por todo o carinho e amor que ela me deu em todos os momentos. Por ser a minha base, o meu orgulho e o meu motivo de seguir em frente a cada dia, a minha vitória também é toda sua.

À minha irmã, é claro, que é minha caçulinha, mesmo eu não demonstrando, ela é meu amorzinho, que se mostra sempre ao meu lado, para escutar minhas angústias, meus nervosismos, e que me apoia do jeito dela, e desejo que eu sirva de exemplo para ela querer estar na Universidade de Brasília daqui uns anos, passando por isso também e eu a apoiando.

À minha família, por todo apoio, por ser minha base e ter sempre acreditado no meu potencial e sempre me incentivando nos estudos.

Aos meus amigos, que não deixaram de me chamar para sair, mas entenderam quando não pude estar com eles, que compreenderam meus compromissos acadêmicos na produção desta monografia, mas não desistiram e sempre acreditaram que eu iria conseguir.

Às minhas “amiguinhas” Luana, Bárbara, Thuany, Prcyla, Ana Luiza, Ana Carolina, Thaís, Thalita, Elisabete, Laila, Talita, Tamysa, Raquel e Stefany! Vocês tornaram minha permanência na universidade muito prazerosa, o meu ‘muito obrigada’, por não terem me deixado desistir. Com vocês tive os melhores anos da minha vida, e cada uma fica nas minhas lembranças de uma forma especial, sei que são amigas para vida inteira.

O agradecimento especial vai para a amiga Luana, que não só acompanhou minha trajetória universitária, mas me incentivou a escrever este trabalho e esteve em todos os momentos me motivando e fazendo todas as correções devidas.

Aos professores que passaram pela minha formação, que deixaram, de alguma forma, suas contribuições na minha vida acadêmica, e influenciaram ainda mais a busca pelo conhecimento.

E é claro, à minha querida orientadora e professora Cristina Madeira Coelho, por sua disposição, incentivo e paciência, e que de uma forma tão brilhante me orientou neste trabalho de final de curso.

*Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.
(Cora Coralina)*

APRESENTAÇÃO

A educação está presente na vida de qualquer pessoa. Atualmente, as crianças estão ingressando cada vez mais cedo nas instituições escolares, e é nesse espaço, portanto, que elas tendem a manifestar as suas diferenças, suas inseguranças e suas dificuldades, e a partir disso, percebe-se que existem fatores que influenciam as dificuldades e outros que facilitam o aprendizado das crianças.

Na intenção de refletir como ocorre o processo de aprendizagem em uma turma de 2º ano do ensino fundamental, o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) registra uma pesquisa acerca do papel do professor e suas estratégias pedagógicas em sala de aula, e como essas influenciam no desenvolvimento e na aprendizagem do aluno, em busca do não fracasso escolar e da permanência das crianças no ambiente da escola.

O trabalho é composto por duas partes. Na primeira, apresenta-se um memorial educativo, no qual são relatadas experiências pessoais ao longo da vida educacional, relevantes para o processo de formação da pesquisadora, que ajudaram a compreender a escolha do curso e do tema para o presente trabalho.

A segunda parte é do referencial teórico, da metodologia, e da análise de discussão dos dados. O referencial teórico está dividido em 3 partes: (1) o fracasso escolar, (2) o desenvolvimento e aprendizagem na teoria de Vigotski, e (3) as estratégias pedagógicas facilitadoras da educação, com alguns conceitos que são relevantes para o campo educacional.

Em busca de atingir os objetivos propostos por esse trabalho, utilizou-se como metodologia da pesquisa qualitativa, a observação participante, detalhando os sujeitos e os procedimentos, assim como os instrumentos usados para a produção dos dados e os resultados alcançados. Por último, nas análises e discussão dos dados, a pesquisa é caracterizada pela influência da pesquisadora a partir das suas observações e do referencial teórico utilizado no decorrer desse trabalho e das estratégias pedagógicas utilizadas em sala de aula para analisar os fatores que impactam o processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno e como esses contatos ocorrem.

O aluno é o principal sujeito que aprende, mas precisa de um professor com quem tenha uma boa relação, para o desenvolvimento desse aprendizado. É necessário que o professor repense o seu papel dentro de sala de aula e como suas práticas pedagógicas influenciam no desenvolvimento desse aluno.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo geral compreender, com base na perspectiva histórico-cultural, fatores que impactam o processo ensino-aprendizagem na relação professor e aluno de uma turma de 2º ano de uma Escola Pública do Distrito Federal. Para isso, foi explorado no referencial teórico a respeito do fracasso escolar, com ênfase nos estudos de Bossa, Patto e Tacca. Foi apresentado o fenômeno de desenvolvimento e aprendizagem na perspectiva de Vigotski, no qual se trata da teoria da Zona do Desenvolvimento Proximal e Real (ZDP e ZDR), e da significação do conteúdo para o aprendizado do aluno, e a partir disso, a significação por meio das diferentes estratégias do trabalho pedagógico para passar o conteúdo ao aluno. Juntamente com esses conceitos, trata-se das estratégias pedagógicas para incentivar o desenvolvimento e aprendizagem do aluno, e com isso os conteúdos curriculares são passados com recursos didáticos (atividades diferenciadas), as estratégias são voltadas para quem aprende, o professor torna-se o mediador a partir do que ele ensina, e o contato com o aluno torna-se forte e produtivo. Esta pesquisa é um relato de experiência, em que apresentamos situações vivenciadas no ambiente escolar. Foi investigada uma turma na fase de alfabetização, analisando a partir das atividades propostas, consideradas atividades diferenciadas no trabalho pedagógico, observando a interação entre professor- aluno, além dos fatores que impactam o processo de aprendizagem. A análise dos dados leva à conclusão de que a relação entre o professor e o aluno pode incentivar o interesse do aluno, deixando-o mais motivado e seguro, e com isso, as estratégias pedagógicas tornam-se apenas um incentivador, pois quem realmente está mediando é quem atua no processo e facilita a aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Relação professor-aluno. Estratégias no trabalho pedagógico. Incentivador.

ABSTRACT

The present work has the objective: Understanding, based on cultural-historical perspective , factors that impact the teaching-learning process in the teacher and student in a 2nd year of a Public School of the Federal District . To this end, we explore the theoretical framework some theories about school failure , with emphasis on studies of Bossa , Patto and Tacca . Seeking the many reasons that lead to learning difficulties and truancy. We then present the phenomenon development and learning from the perspective of Vygotsky , where it is the theory of the Proximal and Real (ZPD) and (ZDR) Development Zone , and significance of content for student learning , based on that the significance through different strategies of pedagogical work to move the content to the student . And along with these concepts, it is the teaching strategies to encourage development and student learning, and thus the curriculum is spent with teaching resources (different activities), and strategies are geared towards the learner, the teacher becomes if the mediator from what he teaches , contact with the student becomes strong and productive. This research is an experience report, where we present situations and experiences in the school environment. A class of year 2 was investigated in beginning literacy, analyzing from the proposed activities considered differentiated activities in pedagogical work, observing the interaction between teacher and student, and the factors that impact the learning process. Data analysis leads to the conclusion that the relationship between teacher and pupil causes a greater motivation of students want to participate in what is proposed to him, leaving students more motivated this insurance class and, thus, the pedagogical strategies is just a incentive, but who is really acting is mediating in the process and facilitates learning .

Key Words:Teaching and learning. Teacher-student relationship.Strategies in the pedagogical work.Encourager.

SUMÁRIO

PARTE I	11
MEMORIAL EDUCATIVO	12
PARTE II	19
INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO I –	22
1.1 Fracasso Escolar.....	22
1.2 Desenvolvimento e Aprendizagem para Vigotski.....	27
1.3 Estratégias Pedagógicas Facilitadores da Educação.....	30
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	38
2.1 Metodologia da pesquisa.....	38
2.2 Objetivo geral.....	40
2.2.1 Objetivos específicos.....	40
2.3 Sujeito e local da pesquisa.....	41
2.3.1 Procedimentos.....	42
CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
PARTE III	61
REFERÊNCIAS	62

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

Tudo começa de um início. Em setembro de 1989, minha querida mãe Maria Inácia de Souza teve um grande sentimento que algo muito bom estava por vir, ela descobriu que estava grávida de sua primeira filha, de uma gravidez não planejada, mas o desejo de ser mãe já estava aflorado. O pior para aquela época era que ela não era casada com meu pai, e logo que ele descobriu a gravidez, ele a deixou, com uma mão na frente e outra atrás e com uma filha, e sendo assim, mais um caso nem tão inédito de uma filha de mãe solteira.

No dia 10 de maio de 1990, nasce a Cecília de Souza (euzinha), no hospital Santa Lúcia, aqui mesmo em Brasília. Minha mãe, com muito esforço e dedicação, um pouco antes do meu nascimento, passou em alguns concursos e resolveu escolher o da Caixa Econômica Federal, onde criou condições financeiras boas para me criar.

Eu ainda muito pequena, ela teve que voltar a trabalhar, e como não tinha ninguém para ficar comigo, entrei muito cedo na creche perto da casa em que morávamos no Guará, onde tive meu primeiro contato com a instituição escolar. Não tenho muitas lembranças, pois era pequena, uma das poucas que eu tenho é que na creche a “tia” ou até mesmo as cuidadoras roubavam meu lanche e me faziam comer aquelas sopas que eu não gostava de maneira alguma, e também sempre reclamava de muitas mordidas, acho que porquê ou eu era muito fofa e gordinha ou realmente estava sofrendo de maus tratos. Quando minha mãe descobriu essas coisas, ela logo me mudou de escolinha e acabamos mudando de casa também, morávamos no Guará e fomos morar no Gama.

No novo local onde morávamos, minha mãe me colocou na escolinha lá perto que eu só me recordo o nome, era Meu Querido Poney, mas não consigo lembrar detalhes do início da escolarização. Essa escolinha veio a falir, e assim tive que me mudar, fui estudar no Instituto Pax. Já estava no jardim 3 na época, tinha 6 anos e sabia escrever o nome e estava começando a ler minhas primeiras palavras. Moramos pouco tempo no Gama e logo voltamos para o Guará, minha mãe tinha sido transferida para trabalhar na Caixa Econômica Federal de lá. Mais uma vez mudando de escola, nessa época estudei no São Francisco. Quando eu cheguei no colégio, me deparei com uma turma já alfabetizada, em que todos já sabiam ler e escrever, e eu não sabia, ainda estava no processo de alfabetização, e como era muito tímida, não falei isso para a professora, então um certo dia ela me chamou para ler um texto na frente da sala toda, era uma didática que ela usava sempre.

A professora dava um texto para turma, cada um lia individualmente e depois escolhia um aluno para ler para todos, e dessa vez eu fui a escolhida, e passei por um constrangimento muito grande: além da timidez de não gostar de estar na frente de tanta gente, eu não sabia ler. Travei totalmente, lembro como se fosse hoje todos me olhando e eu gaguejando na frente da sala inteira sem saber o que fazer e o que falar, desde então acho que isso foi um trauma, minha dificuldade de gostar da leitura e da escrita começou a partir desse momento, e sinto essa dificuldade até hoje, não me interessa pela leitura, e travo na hora que tenho que escrever algo.

Nessa mesma escola, me recordo das festividades, como o dia dos pais, eu era uma das únicas alunas que não tinha a figura masculina para ir me prestigiar, mas tinha minha “pãe”, a figura feminina que faz os dois papéis e muito bem. Posso me lembrar que, muitas vezes, eu só sentia falta dessa figura masculina quando tinha festinhas escolares, que, querendo ou não, era onde tinha certo preconceito, das próprias amigas perguntando “Cadê seu pai?”; “Você não tem?” E eu, sempre muito grossa nessas perguntas, respondia “Não, não tenho e nem quero ter, estou muito feliz com a minha mãe”.

E isso aconteceu em muitos anos de vida escolar, até que cresci e fui estudar em escola pública. Primeiramente na Escola Classe 314 que era até a 4ª série, a qual corresponde ao 5º ano do ensino fundamental e depois fui para o Polivalente, considerada escola modelo do DF, em que estudei até terminar o Ensino Fundamental. Então, quando fui para o Ensino Médio, ganhei bolsa para estudar em uma escola particular, o Notre Dame, e foi quando comecei a pensar no que queria para minha vida acadêmica. Nesta escola, o ensino que era passado para os alunos visava muito a UnB. Aliás, era só o que se ouvia falar, era quase uma obrigação dos professores fazer uma lavagem cerebral dizendo que precisávamos passar nessa Universidade, a tal famosa UnB, uma das melhores do Brasil, e então, com essa pressão toda, comecei a fazer cursinho Pré-Pas e no último ano de ensino médio fiz um pré-vestibular, já me adiantando, caso não passasse pelo PAS. Lá passei por três longos anos de indecisões para o que eu queria da vida, primeiro queria ser diplomata, “mas porque não ser nutricionista?”, “mas e a geografia, que era ministrada pelo melhor professor e ele sempre me influenciou?”, ou “porque não só passar na UnB para ter status?”, “Quem sabe o curso de arquivologia, que a nota de corte era baixa?” Tantas opções para uma só pessoa, que não sabia o que queria, só tinha uma única certeza: queria ser rica.

E aqui estou, na UnB, na tão famosa Universidade, no curso de pedagogia. Acho que aquela única certeza que eu tinha foi por água abaixo, para que ser rica? Mas não foi uma

trajetória fácil, logo que sai do ensino médio, não passei pelo PAS, e continuei com aquela pressão que deveria passar logo na Universidade, mas agora vindo da minha mãe, a comentada no início desse memorial como a “pãe”, a mulher batalhadora de um coração enorme e grandioso, que soube me educar e cuidar tão bem de mim, essa mesma pessoa com tantas qualidades não queria pagar uma faculdade particular, então lá vou eu fazer mais alguns pré-vestibulares.

No PAS prestei para Relações Internacionais, porque era um desejo, mas fiz pela minha “pãe” para agradá-la, porque eu pensei tanto e escolhi que queria a geografia, e sabe o que aconteceu? Fui recriminada, com o simples preconceito de que na nossa família, não querem que tenha um professor, então eu dei meu boleto de pagamento que estava feito a inscrição para geografia, e minha “pãe” foi lá e fez outra vez para o curso de Relações Internacionais, e me contou isso um dia antes da prova para a 3ª etapa do PAS, que eu não passei, pois não estava muito preparada para o 3º curso mais concorrido da UnB.

No primeiro semestre de 2008, o ano após o término do ensino médio, lá estava eu no cursinho e adivinha para que curso estava estudando? Isso mesmo, Nutrição, e mais uma vez um fracasso, eu fiz mais um vestibular que foi o do meio do ano, era para Arquivologia, já estava no desespero para passar na UnB e então fiz por causa da nota de corte baixa, e não passei pela redação, entrei com o recurso, mas foi em vão. Nesse momento, me veio na cabeça a grande dificuldade para escrever, muitas vezes me deparava com isso, e era um desespero só, foi o que mais me abalou.

Então, naquele momento desisti da UnB, fui parar no UNICEUB fazendo Relações Internacionais. Por quê? Era o único curso que minha mãe pagaria na faculdade particular, e o primeiro semestre se passou e eu estava infeliz no curso, e pensei “vou fazer um vestibular por fazer mesmo”.

Quando resolvi fazer o vestibular, tive uma recordação: minha amiga com 15 anos, no 1º ano do ensino médio, fez o vestibular para o curso de pedagogia e passou, então pensei “por que não fazer também? Se ela passou tão nova, sem saber muita coisa, porque eu não posso passar?” Nas férias do CEUB estudei um pouco, entrei em um cursinho intensivo para o vestibular, um mês antes da prova, e a questão, “Melhore sua redação” ainda estava presente. Gostaria de escrever um pouco melhor para não ter a mesma reprovação na prova seguinte.

E o que aconteceu? O resultado da UnB saiu e lá estava eu, aprovada no 1º vestibular de 2009. Ah! Uma coisa muito importante que me esqueci de falar, esse vestibular foi feito

escondido, pense na minha mãe sabendo que eu iria fazer pedagogia, nem pagar ela iria querer, mas quando passei ela ficou feliz, no entanto, durou só o primeiro semestre. Até hoje, quase me formando, a escuto dizendo: - Minha filha porque está terminando esse curso? Até hoje ela não sabe porquê eu quis fazer pedagogia, na verdade nem eu sabia.

Mas o que importa é que a minha trajetória no curso foi muito boa, mas como tudo na vida, nada é perfeito, o curso passou por algumas conturbações, mas fui me encantando a cada dia pelo o que eu estava fazendo e em algumas vezes pensei em desistir, tive uns deslizes no 3º semestre achando que eu estava no lugar errado. Mas graças às minhas amigas de curso, que hoje são minhas amigas próximas, me ajudaram muito a passar por essa fase, e agradeço a elas por minha formação.

Um dos motivos de querer desistir era os vários trabalhos, tanta coisa para ler e tanta coisa para escrever, passava por apuros. O não gostar de ler me atrapalhou muito nesse momento, tentava, tentava, mas nada me interessava, mas tinha que ler, né? O que eu fazia muito, para me livrar dos trabalhos escritos, era fazer em grupo, então fui picareta muitas vezes, deixava todos do grupo fazer o trabalho e só enrolava. Quando era individual, lá estava eu, pesquisando no Google e tentando modificar algo do que estava lendo. Lembro que muitos trabalhos eu dava para as amigas corrigirem os erros de português e concordância, ou quando isso não acontecia, podia saber que a nota seria baixa, até que as dicas foram vindo, “leia mais porque quem lê escreve bem”, “leia coisas que te interesse”, tentei muito isso, mas foi em vão, nunca conseguia terminar um livro.

Após esse momento de desistência, foi uma longa caminhada de projetos, em busca de uma melhor formação, e tentando procurar uma área aqui dentro da pedagogia, e até hoje me encanto por todas, por isso passo por uma dúvida na minha monografia de final de curso. Por não saber o que fazer, participei de um projeto Pedagogia no Cinema, pois era algo mais simples, e discutíamos os filmes vistos.

Mas muitas matérias que eu fiz me interessaram e foram válidas para minha formação. Como a matéria de PDH, que fiz logo no início do curso, ainda caloura no primeiro semestre, essa matéria é muito próxima à psicologia e, querendo ou não, é muito interessante. A participação da professora Ângela Anastácio também contribuiu para que essa matéria tenha sido maravilhosa. Mas já não se pode dizer a mesma coisa do “Projeto 1- Orientação Acadêmica Integral (OIA)” , um trauma ainda não superado, era para ser uma matéria ótima, em que iríamos conhecer aquele grande universo da Universidade, sentir o que era ser calouro, mas isso só ficou no querer. Nesse primeiro semestre, não tendo muita liberdade de

escolhas de matérias, fiquei com aquelas propostas, tive a oportunidade de trancar uma matéria que não me interessou e pegar Educação no Campo, com uma ótima professora, que nos levou para Pipiripau, uma escola rural que trabalhávamos com a questão do lixo, reciclagem e ensinamentos de como cuidar melhor da natureza e também do lugar que os alunos viviam, que acabou sendo uma grande oportunidade logo no início de formação.

Logo que entrei na Universidade, vivi algo bem diferente daquilo que já havia vivido, era um outro espaço com pessoas totalmente diferentes. No primeiro dia de aula, ainda no trote, conheci pessoas que vou levar para minha vida inteira, pessoas que fazem parte da vida acadêmica e da minha vida pessoal, amizades que realmente fizeram a diferença e hoje eu vejo o quanto valeu a pena ter conhecido todas minhas “amiguinhas”. Nesse primeiro contato tínhamos grandes desavenças, éramos alunas do vestibular e as outras meninas tinham entrado pelo PAS, mas logo conheci meninas e grandes amigas do PAS, e não mais tivemos desavenças, amor à segunda vista.

Tentamos viver todos os momentos da Universidade juntas, pegar matérias e projetos juntas, trancar aquelas matérias que não nos agradou, e assim os anos foram passando e ainda estávamos juntas, só não na formação, acho que eu acabei enrolando para estar aqui no 10º semestre de pedagogia. Éramos 6 amigas, 3 do vestibular e 3 do PAS, lembro com muita alegria, como se fosse hoje, que nosso primeiro contato parecia que nós nos conhecíamos há anos, pena que uma delas, a Amanda, no semestre seguinte passou no vestibular pro curso que ela realmente queria, que era enfermagem.

Chegando ao 2º semestre, pensei em pegar matérias diferentes das do curso. Para aprimorar a formação, peguei introdução à psicologia, mas acho que foi em vão, a matéria é super legal, com conteúdos que chamavam atenção, mas o professor não era muito agradável, então acabei não passando, e escolhi essa matéria junto com uma grande amiga, Ana Carolina, uma pessoa que levo no coração e para a vida toda, passamos muitos momentos acadêmicos juntas. Nesse semestre, para salvar, tinha uma matéria obrigatória, “Pesquisa em educação 1”, com a professora Cátia Picollo, uma professora maravilhosa e muito competente, essa matéria foi muito útil, oferecendo uma base para a concretização de trabalhos acadêmicos ao longo do curso. Essa disciplina tinha uma turma pequena, e acabou que todo mundo se uniu, foi onde conheci as melhores amigas do mundo, e uma delas, a Luana, que hoje, mais do que nunca, me ajudou a concluir esse trabalho de final de curso, além de tudo uma ótima confidente e amiga, só tenho a agradecer por ter a conhecido. Outra disciplina que me marcou bastante foi Psicologia da Educação, com a maravilhosa professora Leda, que além de ajudar muito com a

didática da matéria, ela ajudou a conhecer o verdadeiro mundo da pedagogia e aqueles autores importantíssimos que deveríamos ver pelo resto do curso, entre eles o renomado e apaixonante Vigotski.

Em 2010, no segundo semestre, percebi que teria que adiantar o meu curso, se não ficaria para sempre fazendo pedagogia, é como dizem da UnB, “o difícil não é entrar na UnB, o difícil é sair dela”, e essa frase persiste. Então, fui atrás do prejuízo pegando nada mais nada menos que 8 matérias e o projeto Rondon, e dentre as disciplinas uma que me interessou muito foi Psicologia da Personalidade, que me despertou muitas coisas pela psicologia, dentre elas realmente conhecer Freud, e tirou todos aqueles tabus que eu tinha contra ele, como “tudo para Freud era a sexualidade”. Como estava atolada de matéria, resolvi fazer um projeto “tranquilo”, como todos falavam, que era o Projeto Rondon, e de tranquilo não teve nada, foi muito legal e divertido, nós íamos para uma “escola” no Recanto das Emas aos sábados, para a realização de trabalhos lúdicos, que ajudavam na formação dos alunos que eram de baixa renda e precisavam desse contato para o ensino e aprendizagem e depois apresentamos o que fizemos com esses alunos na Semana de Extensão. Outra matéria interessantíssima nesse semestre foi Educação Matemática 1, com o professor Cristiano Muniz, que é muito competente no que faz. Essa matéria foi muito boa e proveitosa, porque eu tenho dificuldade em matemática e com ela me tirou muitas dúvidas e me ensinou muito, além de tudo podemos ensinar matemática usando o lúdico, fora isso tudo, ainda levamos para fins didáticos o diário matemático, que anotamos o que o professor passou durante o semestre. Pode-se dizer que isso é algo herdado, aprendemos como fica fácil ensinar matemática, ou até mesmo aprender, como foi o meu caso.

Já no início de 2012, estou no sétimo semestre, e esse tinha que ser o penúltimo semestre para ser concluído antes de formar, é quando percebo que estou muito atrasada, e pego 7 matérias, para tentar adiantar a minha formação, mas o frio na barriga de pensar na monografia era grande. Mas nesse semestre uma das matérias que me chamou atenção foi Educação Infantil, uma matéria que eu sempre dizia que teria que ser obrigatória no curso de Pedagogia, tão importante quanto as outras obrigatórias que fazemos. Eu sempre fui apaixonada pela educação infantil, já tinha feito estágio na área e adorado ainda mais, depois dessa matéria não tive dúvidas que eu gostaria de trabalhar com educação infantil, e o mais interessante de tudo é que a professora era muito rígida, mas muito boa. Aprendi muito e li textos até interessantes, algo que despertou interesse, eu gostar de ler era quase um milagre.

Chegando ao final da minha trajetória acadêmica a pressão estava grande, pelo fato da minha “pãe” ainda não aceitar minha formação e sempre me pressionar que o melhor na minha vida era eu ser concursada, então tranquei um semestre para me dedicar aos estudos, virei uma famosa “concurseira” de plantão, mas voltei à UnB e aqui estou me formando e quase me tornando uma concursada, para a felicidade de todos.

O interesse maior foi quando eu voltei para UnB, pós-trancamento, quando eu fiz a matéria Enfoques Psicopedagógicos nas Dificuldades de Aprendizagem (a primeira vez em contato com a intervenção pedagógica e as dificuldades de aprendizagem), dificuldades essas que acho que sempre passei na minha vida, quais sejam a falta de interesse pela leitura e a dificuldade na escrita, e como é complicado redigir um texto, hoje fazendo monografia vejo o quanto essa dificuldade aumentou, e o medo nem se fala, de ser criticada por aquilo que tem insegurança de mostrar para outra pessoa ler. Nessa matéria tive a oportunidade de participar do Observatório da Educação, que ocorreu em uma Escola Pública do Guará. Pude colocar em prática aquilo estudado durante o semestre que me interessou muito, esse acompanhamento serviu para decidir que eu gostaria de continuar essa linha de estudos que está servindo para o desenvolvimento da monografia.

Como perspectivas futuras, após a apresentação da monografia, pretendo estar concursada na Secretaria de Educação do Distrito Federal. A prova vai ocorrer um pouco antes da apresentação da monografia e, se tudo der certo nos dois, estarei formada e atuando como professora. Todavia, o meu desejo maior é ser concursada do BACEN, então, não vou parar nunca de estudar, até porque a segunda parte do desejo é ter minha própria escola e, para isso, preciso de investimentos. Assim, para esse desejo acontecer, preciso passar em algum concurso, realizando o sonho da minha mãe e, é claro, o meu também. Concluindo toda essa trajetória, todo mundo fica feliz e satisfeito. E nada de parar de estudar, a vida é feita para ter conhecimentos e mantê-los sempre atualizados, então, tudo indica que a vida acadêmica ainda me espera.

PARTE II

INTRODUÇÃO

A partir da teoria histórico-cultural, pode-se compreender fatores que impactam o processo de ensino-aprendizagem em relação ao professor e aluno, como essa relação estimula o desenvolvimento do aluno e pode facilitar o processo de aprendizagem. O presente trabalho articula discussões teóricas com uma pesquisa de campo que foi realizada em uma turma de 2º ano do ensino fundamental de uma Escola Pública do Distrito Federal.

A escolha do tema pressupõe que as estratégias pedagógicas estão presentes na sala de aula enquanto o professor está ensinando. Essas estratégias podem tanto dar certo como não podem, pois o professor precisa fazer um planejamento de acordo com as reais necessidades da turma. É a partir das atividades trabalhadas que o professor tem um contato maior com o aluno, tornando-se facilitador e incentivador da aprendizagem. Com essas atividades incentivadoras, o aluno pode ser influenciado ao desenvolvimento e aprendizado, permanecendo, assim, na escola em busca de sua formação.

Ao longo do processo de ensino-aprendizagem, o professor deve procurar utilizar as estratégias que considera mais adequadas para a formação do desenvolvimento das competências essenciais da disciplina que está sendo ministrada. Quando o professor planeja suas aulas, deve-se pensar nas estratégias pedagógicas que irá envolver os alunos com aquele conteúdo do currículo.

Com isso, alguns autores como Tacca e com a prática vivenciada na escola mostram que as estratégias são essenciais para o desenvolvimento do aprendizado do aluno, em meio a sua socialização com os demais alunos e a relação com o professor.

Alguns problemas externos, que não estão só envolvidos com o aluno em sala de aula, contribuem ao fracasso escolar, e muitas vezes, por meio das “atividades estruturadas” e dos planejamentos, as necessidades dos estudantes envolvidos na pesquisa podem influenciar na permanência dos alunos na escola.

Outra coisa que é bastante evidenciada nos dias de hoje é o fracasso escolar. Pesquisas, como as de Bossa, mostram que estão cada vez mais frequentes as causas da dificuldade de aprendizado escolar, que revelam que os alunos estão saindo do ensino fundamental sem saber ler, escrever e fazer as quatro operações básicas. Esse é um fator preocupante, que acaba levando esses alunos, mais a frente, a desistir dos estudos, acontecendo a evasão escolar.

Com dados como esses, todos que estão envolvidos com a educação têm que ficar atentos e buscar estratégias pedagógicas que motivem e influenciem os estudos desses alunos.

CAPÍTULO 1 –

1.1 FRACASSO ESCOLAR

Muito se tem discutido sobre o fracasso escolar, as suas causas e conseqüências. É um assunto que traz várias questões que devem ser repensadas, uma delas é que as dificuldades de aprendizado vão além dos problemas nas crianças.

O fracasso escolar é o fracasso do próprio sistema de ensino. Por mais que o sistema aumente o número de vagas, o que ocorreu ao longo dos anos, não desenvolveu uma atividade que o tornasse eficiente e nem que garantisse uma educação de qualidade em busca do acesso à cidadania. Dessa forma, segundo Bossa (2011), a escola surge com o objetivo de promover melhoria nas condições de vida da sociedade moderna. Mas ela acaba por produzir, na contemporaneidade, a marginalização e o insucesso de milhares de jovens.

Um grupo de pesquisadores juntamente com a psicopedagoga Bossa, no ano de 2011, realizou uma pesquisa durante cinco anos nas escolas públicas do estado de São Paulo, em que buscou saber as causas da dificuldade de aprendizado escolar para estabelecer prioridades de mudanças na política educacional. O estudo revelou que, de cada quatro alunos que concluem o ensino fundamental, três concluem sem saber ler, escrever e fazer as quatro operações matemáticas (adição, subtração, divisão e multiplicação).

Percebe-se o que os estudantes pensam em relação à escola, a partir do tema: “Como o jovem vê a escola: Uma relação de amor e ódio”, pois é nesse espaço que os alunos tem um sentimento de paixão e, ao mesmo tempo, o descontentamento com o espaço escolar:

“É nas salas de aula, no pátio e nos corredores, que os alunos se abrem para o prazer de aprender, descobrem o valor de amizade e do amor, revelam a importância de ter adultos como modelos para a vida. Mas, é nesses espaços, também, que conhecem as agruras de estudar em espaços maltratados, sofrem com o descaso e o desrespeito de tantos professores e funcionários, e se irritam com aulas desinteressantes e exercícios sem sentido”.
(BECINI;BORDAS, 2007, p.31)

A partir de falas como essas, podemos perceber o descaso do próprio sistema escolar e os professores poderiam tentar mudar essa realidade das escolas públicas e particulares também. É necessário que os educadores lutem contra essa realidade, em busca de ter uma escola mais humanizada e uma formação de qualidade, pois são essas pessoas que estudam nessas instituições fracassadas e maltratadas que fazem parte do futuro do país.

Segundo Patto (1996), o processo social de produção do fracasso escolar se realiza no cotidiano da escola e é o resultado de um sistema educacional congenitamente gerador de obstáculos à realização de seus objetivos. A escola pública falha na tarefa básica de alfabetização das crianças das camadas populares. De acordo com Patto (1990), a escola está excluindo essas crianças precocemente de seu interior, por meio de um mecanismo de rejeição que opera duplamente, pois a escola não aceita a criança como ela é, e a criança não aceita a escola tal como ela funciona. O fracasso escolar não está ligado só à instituição escolar, pode-se ter casos familiares, desigualdades sociais, ou desinteresse do próprio aluno.

Parece que a precária situação econômica levaria o aluno a privações do aprendizado, principalmente quando se fala com o mundo da leitura e escrita, o que é redundância a partir das exigências que a escola faz. Então, percebe-se que vivemos em uma sociedade onde a distribuição de conhecimento é uma fonte de poder social, que é feita de forma que vai privilegiar alguns e discriminar outros. O conhecimento continua sendo para a minoria da população.

Entretanto não podemos concluir que essa é uma situação característica de toda uma classe social, pois tal conclusão desconsidera toda trama de condicionantes que perpetuam problemas e limitações impostas a essa população, que acabam por impedir, mais do que facilitar, a continuidade da escolarização. (TACCA, 2008. p. 40).

Nota-se, a partir da citação acima, que poderia ser pensado em uma mudança na realidade escolar, buscando soluções para que a escola seja mais eficiente e eficaz, no sentido de promover o conhecimento e, assim, vencer problemas habituais como: dificuldades de aprendizagem, formação precária daqueles que conseguem concluir o ensino fundamental, alta evasão escolar e desinteresse dos alunos nos conteúdos curriculares. Em busca de solucionar esses problemas habituais, as escolas vêm oferecendo aulas de reforço.

As escolas passam por situações que dificilmente vão se culpar pelo que está acontecendo com seus alunos, culpabilizam as famílias e instituem práticas de recuperação de conteúdos, como o “reforço” escolar, que pode acontecer na própria escola ou serviço especializado (TACCA, 2008. p.40).

Para Souza e Zibertti, (apud PINHEIRO e WEBER, 2012. p. 4) considera que é “comum ainda ouvirmos discursos explicativos, por parte dos órgãos públicos, dos professores, das famílias e dos próprios alunos, fundamentados nas concepções de que um culpa o outro. Os primeiros continuam responsabilizando os alunos e as famílias pelas

dificuldades de aprendizagem e estes permanecem, introjetando a culpa pelo fracasso escolar”.

Não se pode culpabilizar ninguém, a culpa está em quem procura o culpado. E existe o verdadeiro culpado pelo fracasso escolar? É da escola, da família ou do aluno? O problema vai depender de quem vê, pode estar na qualidade do ensino, que é a questão primordial, e hoje em dia se aprova um aluno sem saber ler, escrever e fazer as 4 operações básicas. Segundo Bossa (2011), depois que foi retirada a reprovação da instituição escolar, não foi colocada outra forma de avaliação dos alunos e professores, não tem mais instrumento numérico para avaliar a questão da aprendizagem, como avaliar se o aluno está desenvolvendo e aprendendo. O problema também pode estar na desestruturação familiar, muito mais decorrente de fatores socioeconômicos e, em uma escala menor, de problemas de saúde física e emocional.

Os problemas emocionais, cognitivos e afetivos interferem no aprendizado da criança, pois, segundo Tacca, (2000), existe a preocupação com as condições e experiências afetivas ou impactos (traumas) que muitos alunos vivenciam na vida social, e que estariam se interpondo negativamente nas suas possibilidades de aprender. O aspecto afetivo do aluno, que está diretamente ligado ao desenvolvimento intelectual do seu aprendizado, pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento, determinando inclusive sobre quais conteúdos a atividade intelectual se concentrará.

Para um aluno ter um bom desempenho na escola, é importante que tenha desde a alimentação saudável até uma boa condição emocional e cultural para levar a escola com a devida seriedade. Má alimentação e famílias desestruturadas que possuíram certo desinteresse nos estudos no passado também influenciam nesse desempenho. Até mesmo os professores não sabem o porquê nem o objetivo de ensinar certos conteúdos, nem os estudantes imaginam o porquê tem que estudar tantas disciplinas como história, geografia, matemática, entre outras. São tantos outros apelos na vida, tantas outras coisas interessando as crianças, que fica difícil para escola tomar um lugar de destaque na mente da criança.

As autoridades educacionais tentam reverter esse fenômeno do fracasso escolar a partir do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que tem como objetivo avaliar a Educação Básica brasileira e contribuir para a melhoria da qualidade e a universalização do acesso escolar. A Provinha Brasil é outro mecanismo usado pelo Estado com o objetivo de perceber o nível de alfabetização dos alunos do segundo ano das escolas públicas brasileiras. Mas a realidade do Brasil ainda é outra, pois o que se pode perceber é a frequência do

fracasso, sobretudo, na escola pública. Segundo Tacca (2008), uma vez que o fracasso é uma realidade mais contundente, para quem frequenta a rede pública, o insucesso passa a ser analisado como um fenômeno inerente a classe social de baixa renda.

Tem-se uma ideologia de diferenças culturais, dizendo que a cultura das classes populares, ou também chamadas de classes de baixa renda, é diferente daquelas da classe dominante, ou seja, aquelas com alto poder aquisitivo. Assim se mostra, nitidamente, o que a escola traz em suas origens e que predomina a cultura da classe dominante. Para Souza e Weber (2012), as classes dominantes levam os alunos, oriundos de classes populares ao insucesso escolar, por não entenderem tal cultura e/ou não se adaptarem a ela. Nesse sentido, aparece aqui a ideia de que, se a escola acolhesse a cultura popular, talvez o fracasso escolar pudesse ser minimizado.

Atualmente, a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1994, relatam que todos são iguais perante as leis. Além do mais, tenta-se viver em uma democracia, onde o tratamento tem que ser homogêneo. Entretanto, pode-se perceber que isso fica só no papel, uma vez que a escola tem um caráter repressor, no qual os professores são oprimidos pelo sistema e acabam por oprimir essa realidade em cima dos alunos, pois tentam tratar todos com igualdade e os diferentes com suas peculiaridades. Mas não conseguem concretizar a igualdade de forma plena, um exemplo disso é que cada aluno tem o seu momento de aprendizagem e não necessariamente ele aprenderá com a mesma facilidade de outro aluno, mas a escola deseja padronizar o conhecimento.

Segundo Tacca, (2008), ao tentar ser democrática, ou seja, dar a todos o mesmo tratamento, a escola acaba por cometer inadequações severas, pois não se abre para a perspectiva dos sujeitos concretos, com suas diferentes formas de ser e pensar, sejam alunos ou professores.

A sociedade, a escola e os professores livram-se da responsabilidade do fracasso dos alunos ao depositá-la na estrutura familiar ou na própria criança. Pode-se considerar o fracasso escolar um fenômeno de múltiplos fatores que deve ser olhado pelo ângulo das relações sociais e não somente pelo ângulo do aluno e da família. Seguindo essa ideia, encontram-se os princípios da Psicologia Histórico-Cultural que, mais recentemente, tem sido utilizados como importantes subsídios para entender o fracasso escolar, focando na história e nas características da cultura da sociedade no qual ele ocorre a partir da interação social.

Então, a escola, como espaço institucionalizado de aprendizagem, que tem grandes possibilidades de caminhos para desenvolver e canalizar a cultura que envolve as ações

pedagógicas e intencionalmente voltadas à aprendizagem de conteúdos curriculares, possui uma tarefa que influencia a cultura do aluno, que aprende com o processo de práticas sociais e pela presença das interações sociais.

Esse aluno, que é o principal foco de todo trabalho educativo, já traz consigo a nomenclatura que o condena como um fracassado. O significado da palavra “aluno”, para alguns teóricos, é definido como "NÃO LUZ" ou "SEM LUZ". Segundo Lewis e Short (apud SANTOS p. 25) “O sentido e não alguém “sem luz”, como afirma uma etimologia falsificada que lê A- como prefixo de negação (note que o prefixo é grego) e LUN- como proveniente do latim *lumen, luminis* (luz). O termo “aluno” aponta, portanto, para a ideia de alguém imaturo, que precisa de um mestre ensinando para iluminá-lo”.

Por mais que seja um significado que tenha uma informação falsa e mentirosa, por ser apenas uma etimologia falsificada, é isso que todos acreditam que o aluno seja, sem oferecer oportunidades de aprendizado com qualidade, deixando-o sem a sua própria luz, quando deveriam mostrar que ele é capaz de aprender e se desenvolver, acreditando no seu potencial.

De acordo com o dicionário Aurélio (2008): o indivíduo que recebe formação e instrução de um ou vários professores ou mestres para adquirir ou ampliar seus conhecimentos, geralmente nas áreas intelectuais, levando em conta que existem diferentes aptidões e estilos de aprendizado para cada aluno - principalmente na medida em que avança na vida escolar. É necessário respeitar o tempo de aprendizagem de cada aluno, para que dessa forma alcance uma educação de qualidade.

Segundo a etimologia Lewis e Short (apud SANTOS p. 25), o termo “aluno” significa literalmente “criança de peito”, “lactante” ou “filho adotivo” (do lat. *alumnus, alumni*, proveniente de *alere*, que significa “alimentar, sustentar, nutrir, fazer crescer”). O aluno é aquele que aprende, sendo dentro do ambiente escolar com o professor, ou no ambiente não escolar (externo) com a família, amigos ou até mesmo sozinho, pois o seu desenvolvimento vai além dos conhecimentos pedagógicos aprendidos em sala de aula.

Esse ambiente não escolar (externo), composto pela família, é um aspecto que está ligado ao fracasso escolar e suas dificuldades de aprendizado, a família é o primeiro contato da criança quando ainda pequena, e que vai ajudá-la a construir o seu aprendizado.

A família tem um papel central no desenvolvimento da criança, porque será no contexto familiar que se realizarão as aprendizagens básicas, e como hoje em dia as famílias tem passado por várias mudanças, transformações sociais e culturais, as relações familiares

têm refletido constantes mudanças bem como o relacionamento dos indivíduos no meio familiar.

Muitos problemas familiares tais como desrespeito familiar, problemas com drogas ou falta de recursos, podem causar em seus filhos dificuldade de aprendizado, este ficando, assim, cada vez mais defasado, levando até ao fracasso escolar futuramente. Para Scoz (1994), não há dúvida de que a influência familiar é decisiva na aprendizagem dos alunos. Ainda assim, as dificuldades de aprendizagem não seriam relacionados à algo só físico ou psicológico, elas podem estar relacionadas aos fatores afetivos e sociais pedagógicos. Ou seja, o aprender está relacionado a fatores que podem ser internos e externos, os quais se relacionam.

1.2 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM PARA VIGOTSKI

A teoria da aprendizagem e o desenvolvimento na perspectiva sócio-histórica têm como principal fundamento os estudos teóricos desenvolvidos por Lev Semionovitch Vigotski, um intelectual excepcional em circunstâncias também excepcionais. Decorrente do contexto histórico em que o autor soviético viveu e de seus escritos serem em russo, seus trabalhos demoraram a se difundir pelo mundo. Entre 1979 e 1984 recupera-se seu legado intelectual e científico. Desde então, sua influência não parou de crescer e hoje sua teoria é referência. Ele e seus colaboradores foram quem iniciaram a construção da teoria que vem sendo utilizada e difundida em trabalhos científicos até os dias de hoje.

A partir desse entendimento há conceitos muito importantes para a compreensão dos processos de ensino-aprendizagem que serão abordados nesse tópico.

Vários teóricos que abordaram os estudos de desenvolvimento e aprendizagem, eles partem do pressuposto da independência entre os processos de desenvolvimento e de aprendizagem. Um típico exemplo dessa teoria é a concepção de Piaget que estuda o desenvolvimento da criança separado da aprendizagem. Segundo essa teoria:

“A aprendizagem é um processo puramente exterior, paralelo em certa medida ao processo de desenvolvimento da criança, mas que não participa ativamente neste e não o modifica em absoluto: a aprendizagem utiliza os resultados do desenvolvimento, em vez de mudar o seu curso e sua direção”. (VIGOTSKI, 1991 p. 1).

Em Vigotski, justamente por sua ênfase nos processos sócio-históricos, a idéia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo. O termo que ele utiliza em russo (*obuchenie*) significa algo como “processo de ensino aprendizagem”. (OLIVEIRA,1995, p.57).

O aprendizado para Vigotski é relacionado com a interação social, é o processo de ensino-aprendizagem, que inclui aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre eles. Para Koll (2010), é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes e valores a partir de seu contato com a realidade, com o meio ambiente e outras pessoas. É um processo que se diferencia da teoria a respeito dos inatos, em que defende que a pessoa já nasce propícia a desenvolver sozinha alguns aprendizados, temos como exemplo a capacidade de digestão, que já nasce com o indivíduo.

“A concepção de aprendizado possibilita o despertar de processos internos e externos do indivíduo, que liga o desenvolvimento da pessoa à sua relação com o ambiente sociocultural em que vive a situação de organismo que não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos de sua espécie”. (KOLL, 2010, p. 60).

São fundamentais para o aprendizado humano as relações sociais, que ajudam em seu próprio desenvolvimento cognitivo, que ocorre por meio da interação social, ou seja, de sua interação com outros indivíduos e com o meio. De acordo com Tacca (2008), pode-se concluir que essas relações repousam em concepções, crenças, histórias de vida e outros aspectos emergentes no processo relacional, que geram as escolhas e opções a serem necessariamente feitas.

Essa forma de interagir possibilita criar novas experiências e conhecimento. Por outra via, a criança pode aprender a partir de experiências observadas, podendo imitá-las, excedendo, assim, seus limites e capacidades atuais e se desenvolvendo. “A diferença entre o nível das tarefas realizáveis com o auxílio dos adultos e o nível das tarefas que podem desenvolver-se com uma atividade independente define a área de desenvolvimento potencial da criança” (VIGOTSKI, 1934/1988, p. 112), essa teoria é denominada de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

A ZDP é a verdadeira janela de oportunidade para aprendizagem, sendo necessário que o professor conceda e coloque em prática tarefas de ensino e aprendizagem que potencializem o desenvolvimento. “Não há dúvida, portanto, sobre o caráter fundamental das relações estabelecidas entre professores (adulto) e alunos (criança)” (TACCA, 2008, p. 40).

O aprendizado, para a criança, tem que trazer significado, pois aquele conteúdo tem que fazer sentido para quem aprende, se não for o caso, aquilo que está sendo dado pelo professor deixa de ser importante e, provavelmente, o aluno não irá aprender.

Para que isso aconteça, o professor tem que saber quem são seus alunos e como eles pensam, e a partir disso, o ensino-aprendizagem passa a ser pensado a partir das significações e entrelaçamentos que o professor faz entre ele e o aluno, sobre si mesmo e sobre o conteúdo que vai ser explorado, não deixando de incluir o contexto que é vivido por ele.

Com isso, um dos espaços para o aprendizado é a escola e fora dela, onde o conteúdo cultural, social e científico é transmitido de forma estruturada e planejada, principalmente, para estimular um processo de ensino que promova, nos alunos, a aprendizagem de conteúdos e mecanismos voltados ao seu processo retomando ao seu desenvolvimento de humanização.

Esses processos de ensinar e aprender se integram. Desse modo, como o foco do trabalho escolar é realizado pelas relações estabelecidas entre alunos e professores, na busca de adaptação dos significados elaborados socialmente, se transformam em conteúdos da consciência individual, caracterizando os sentidos pessoais construídos pelos sujeitos. Uma educação onde os conhecimentos são contextualizados partindo da realidade do aluno pode fazer toda diferença, uma vez que nem sempre aquele conteúdo que lhe é passado condiz com seu cotidiano. Mas vale ressaltar que o ensino não pode se restringir somente a realidade do aluno, deve também utilizar contextos mais amplos, com foco numa aprendizagem significativa que faça sentido e que possa ser utilizada e acessada pelo aluno em diversas situações do cotidiano.

“O foco esteve nos processos mediadores conduzidos pela professora em situações de ensino aprendizagem, os quais implicavam em diferentes processos de significação por parte do aluno. Tais processos tendiam para modos de significação que, por sua vez, orientavam a criança a construir diferentes tipos de conhecimento. Em outras palavras, nem sempre as crianças *aprendem* aquilo que supostamente a professora lhes *ensina*, seja em termos de conteúdos, ou em termos de conhecimentos acerca de si e do mundo à sua volta” (TACCA, 2008, p. 40).

A escola, como um ambiente educacional, juntamente com seus colaboradores, deseja apenas passar o conteúdo de forma sistematizada, estruturada e não se preocupa se o aluno aprendeu ou não, ela quer apenas seguir o que está em planejamento pedagógico, que de pedagógico possui apenas o nome, e pode-se perceber que muitos professores querem apenas fechar aquele conteúdo programático, não importa se faz sentido ao aluno ou não, o

importante é que o conteúdo tem que ser passado e não aprendido. Com isso, o aluno fica desestimulado e desmotivado para aprender, e a escola ainda é repressora, e não dá a liberdade necessária para o aluno querer ter interesse, e com isso, ele não consegue ser mais humanizado. Essa escola, ao invés, aproximar o aluno, acaba o afastando, levando-o à evasão escolar. Muitos alunos estão na escola perguntando o porquê de estudar cada conteúdo, e as vezes nem o professor sabe a razão disso, uma vez que sai da realidade de quem aprende, mas faz parte do conteúdo programático de quem ensina.

Segundo Tacca (2008), a aprendizagem compreendida como uma função do sujeito integral (e não só cognitivo) ainda não tem uma compreensão adequada de modo a trazer mudanças nas formas como se planeja e se realiza o ensino.

1.3 ESTRÁTEGIAS PEDAGÓGICAS FACILITADORAS DA APRENDIZAGEM

“... ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”
(Freire, 1996, p. 22)

As estratégias pedagógicas são utilizadas para o desenvolvimento do aluno em meio à aprendizagem e à socialização e interação desse aluno com outros.

“As estratégias pedagógicas são feitas a partir de um mediador, pessoa mais experiente. O aluno, então, passa a realizar a internalização da atividade, ou seja, a reconstruir internamente os processos construídos através da interação com o outro”. (PIMENTEL, 2007, p. 152). É a partir dessa mediação que o aluno consegue transformar a atividade externa em atividade interna e, assim, acontece a compreensão do conhecimento que está sendo passado, por meio do mediador.

Essas estratégias são colocadas em diversas ocasiões em sala de aula para incentivar o aluno em diferentes situações que possam integrá-lo, motivá-lo, para a sua participação continuar ativa nas tarefas em sala de aula, dinamizando a atividade pedagógica.

Nessa perspectiva, as estratégias pedagógicas são um conjunto de atividades organizadas para o desenvolvimento de determinados conteúdos que estão no currículo escolar. A partir de observações realizadas em sala de aula, as atividades, quando planejadas, tem a capacidade de envolver o aluno, que possibilitam o aprendizado e diminuem as dificuldades apresentadas.

No campo educacional, as estratégias pedagógicas mediadas por um professor têm extrema importância para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, como um excelente recurso didático para a compreensão do conteúdo do currículo escolar proposto, bem como a construção do processo de aprendizagem de conteúdos como a leitura e escrita.

No Brasil, a ideia de mediação para uma melhor estratégia pedagógica teve como seu precursor o educador Paulo Freire, que defende uma postura dialógica, aberta, curiosa, indagadora, dialética e não apassivadora na relação professor e aluno.

"Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria educação ou a sua construção." (FREIRE, 2004, p.47)

Então, a partir disso, é necessária, para mediar a aprendizagem da criança, uma boa estratégia pedagógica que influencie para uma melhor contribuição do conhecimento do aluno. A mediação pedagógica pode ser a base para o desenvolvimento de uma aprendizagem adequada para o aluno. Mas percebe-se que, muitas vezes, ela não acontece. Muitas escolas trabalham na linha de transmissão do conhecimento, em que os professores apenas transmitem o conhecimento, não acreditando no raciocínio de quem está aprendendo.

Ao contrário disso, em uma escola onde o currículo é permeado por ideias democráticas, dando liberdade e favorecendo a multiculturalidade, poderia ser adotada a proposta de Freire, a fim de realizar uma educação inovadora e problematizadora. Dessa forma, a mediação pedagógica estaria presente e o papel do professor seria mediar as estratégias pedagógicas para a construção do conhecimento, no intuito, de que o sujeito organize os saberes já adquiridos.

Sendo assim, o professor tem papel incentivador, facilitador e, além disso, motivador da aprendizagem, que permite que seus alunos façam parte do processo de ensino de forma participativa, a fim de adquirir o conhecimento adequado, por meio de questionamentos e debates. Dessa forma, tornam-se críticos em suas vivências e dão sentido ao seu aprendizado. Para Freire (apud PIMENTEL, p. 2), "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção".

As estratégias são uma forma de processo de ajuda, que facilitam a reestruturação das funções psíquicas que contribuem para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, oferecendo aos alunos acesso a um nível superior de desenvolvimento cognitivo.

“O conceito para o processo de ensino e aprendizagem conclui-se que o objetivo da ajuda é possibilitar que o aluno alcance, através da colaboração, da atividade conjunta, um nível intelectual superior, avançando daquilo que sabe fazer sozinho para a conquista do que ainda não pode fazer só.” (PIMENTEL, 2007, p. 154).

Para a autora, significa que o professor precisa estar disponível para dar assistência ao aluno, fornecendo algum tipo de ajuda que o faça, através da orientação, avançar na resolução de problemas (PIMENTEL, 2002).

Para um professor ter uma boa prática pedagógica, ele precisa planejar suas aulas. Nessa situação, ele relaciona os objetivos de ensino com conteúdos e estratégias que possibilitam o envolvimento dos alunos em atividades que os levam a aprender o conteúdo do currículo. “Os objetivos de ensino seriam os orientados da escolha dos conteúdos e dos procedimentos pedagógicos, o que permitiria a eficiência e efetividade do ensino”. (TACCA, 2006, p. 44). Mas a questão que ocorre no ensino não é só planejar uma boa aula, é o não funcionamento do modelo, é o fato do conjunto da obra acontecer de forma desordenada, que pode interferir no bom processo de ensino-aprendizagem.

Por essa razão, muitas vezes, os professores não têm liberdade de desenvolver as estratégias pedagógicas, pois o próprio sistema educacional dificulta essa prática dos profissionais, interferindo, assim, no planejamento feito pelo professor, uma vez que esse planejamento tem que estar de acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, que, às vezes, não condiz com a didática diferenciada que o professor quer utilizar em sala.

Existe, também, um discurso muito difundido em que as falhas estão presentes em inadequações dos métodos do ensino, onde não existe uma “receita pronta” de como ensinar e, assim, novos procedimentos e métodos pedagógicos poderiam ser usados de acordo com o contexto do conteúdo. Mas muitas vezes, esses novos métodos não dão uma solução adequada para os problemas que vão surgindo em sala de aula, que, a partir disso, se criam novas indagações e a pergunta continua: qual seria a melhor estratégia pedagógica a ser feita? Será que os desacertos da prática pedagógica estariam relacionados às escolhas e aplicações das metodologias?

Esses e outros questionamentos levam a outra preocupação: como isso pode contribuir ao fracasso escolar, ao não interesse do aluno? Pois o essencial em uma sala de aula são os bons mecanismos que o professor utiliza, a partir dos seus planejamentos, para ter uma ótima aula e contribuir para o processo de ensino-aprendizado do aluno. Em relação a isso, o professor compartilha de uma interação com o estudante. Quando o aluno interage em sala de

aula com os professores e colegas, numa relação de troca de conhecimento, a sua aprendizagem se torna espontânea e o professor é um aliado para o enriquecimento do saber adquirido. Assim, segundo Tacca (2008), o cenário educativo precisa ser compreendido a partir das relações sociais estabelecidas. Pode-se concluir que essas relações estão interligadas com crenças, histórias de vida e outros fatores que fazem parte do processo relacional, que geram escolhas a serem feitas, como com quem cada um vai se relacionar melhor.

“As concepções do professor sobre educação, sobre quem são e como pensam os alunos e quais suas possibilidades é sem dúvida um grande balizador da forma como as relações são constituídas com eles e de como e por que objetivos, conteúdos e métodos são selecionados”. (TACCA, 2008,p.47).

Entende-se que o processo de aprendizagem passa a ser pensado a partir de significações, entrelaçando com o que o professor sabe da vida do aluno, quem são eles, o que eles pensam, até sobre si mesmo e o próprio conhecimento a ser tratado. Por isso que, a partir dessas informações, se o conteúdo for passado de uma forma que dê sentido ao aluno, ele terá a significação necessária e vai fazer parte do ensino-aprendizagem. Tornar a aprendizagem prazerosa e significativa é dar oportunidade ao aluno de entender que o conhecimento diz respeito à sua vida, ao seu mundo. É fazê-lo constatar que “isso faz sentido”. A partir disso, a aprendizagem pode acontecer em uma aula que desperta a curiosidade do aluno, envolvendo o lúdico e desafios. O brincar nessa fase de desenvolvimento da criança nas primeiras séries escolares do aprendizado é essencial para motivar a aprendizagem. Os professores, com isso, podem propor e desenvolver atividades que são constituídas a partir das relações sociais. O brincar e os jogos pedagógicos são opções de estratégias pedagógicas que direcionam os processos de significação de aprendizagem.

“A aprendizagem pode acontecer a partir de uma interação direta com o objeto de aprendizagem, ou através da mediação de outra pessoa, realizada através de um instrumento simbólico que pode tomar a forma das várias linguagens hoje existentes”. (BARBOSA, 2006. p.12).

A principal função do professor dentro de sala de aula não é cobrar o conteúdo dado por ele, mas sim ajudar o aluno a compreender de forma significativa, mostrando caminhos para que se chegue ao conhecimento. A prática leva, também, ao aprendizado. Mas o que pode ser favorável é o interesse pelo aprendizado, quanto mais o aluno estiver interessado,

mais ele poderá aprender, então, isso pode estar atribuído à metodologia do professor. Assim, cabe à escola instrumentalizar e influenciar o educador para que este desenvolva sua aula de maneira que atraia a atenção dos alunos, aumentando o interesse deles pelos conteúdos curriculares. Diante disso, Silva (apud PILLETE, p.233) defende que “a motivação consiste em apresentar a alguém estímulos e incentivos que lhe favoreçam determinado tipo de conduta.” Em sentido didático, consiste em oferecer ao aluno os estímulos e incentivos apropriados para tornar a aprendizagem mais eficaz.

Com base nisso, os professores precisam oferecer estímulos positivos que motivem os alunos. Dessa maneira, a conduta dos alunos pode mudar e, provavelmente, concederá o aprendizado. Vale ressaltar que a conduta do professor, que envolva estratégias pedagógicas diferenciadas e motivadas, é um fator que favorece um bom relacionamento em sala de aula e, conseqüentemente, um aprendizado significativo.

O significado de “estratégia” no dicionário é entendido como: “Ação ou caminho mais adequado a ser executado para alcançar um objetivo ou meta”. Na educação, é a mesma coisa: é o caminho mais adequado para alcançar o aprendizado, é o planejamento que pode ser feito para atividades diferenciadas para o desenvolvimento de determinado conteúdo curricular, no qual envolve o professor e o aluno durante a aula. Segundo Faria (2009), O planejamento é ato; é uma atividade que projeta, organiza e sistematiza o fazer docente no que diz respeito aos seus fins, meios, forma e conteúdo, que tenha fundamental importância para atividades planejadas.

De acordo com Libâneo (1993), o planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. Assim, podem ser recursos externos que influenciam o professor para manter o aluno envolvido e motivado para aprender. Esses recursos, para despertar o interesse de quem aprende, quanto mais novidade tiver, mais esse indivíduo se mantém envolvido para aprender. Então estratégias pedagógicas são possibilidades para a intervenção no trabalho escolar, dando importância ao aprendizado do estudante e inovando o que se sabe e o que vai aprender a partir do contexto social e cultural do estudante. As estratégias estão orientadas diretamente para o sujeito com relações sociais estabelecidas.

Para Tacca (2006), outro entendimento das estratégias pedagógicas é que estão enraizadas e nitidamente acopladas, implicadas com as relações sociais estabelecidas. Nesse sentido, elas seriam recursos relacionados que orientam o professor nos canais dialógicos,

tendo em vista que os pensamentos e emoções dos alunos estão envolvidos com a aprendizagem.

“Nesse sentido, seriam recursos, principalmente pessoais, que implicam captar o outro, dispor a pensar com o outro para fazer gerar significações da aprendizagem. O compartilhamento do pensar está implicado ao alcance de novos entrelaçamentos e conclusões do objeto de conhecimento, tanto por parte do professor como do aluno, exige uma disponibilidade um do outro”. (TACCA,(2006), p.48).

Como Tacca (2006) diz, as estratégias não podem se limitar só a instrumentos e recursos externos para motivar o aluno em direção ao conhecimento. Em uma outra possibilidade, há meios para elas se utilizarem das relações sociais, dando prioridade ao pensamento do outro, que serve para desenvolver o conhecimento e ter muito discernimento e criatividade. Segundo Tacca (2006), a ideia é de que a estratégia pedagógica esteja orientada para o sujeito que aprende e não para o conteúdo a ser aprendido, o que, a partir desse pensamento, dá mais valor ao sujeito que precisa aprender, e este começa a responder o que é pedido pelo professor, a fim de servir para que retome a aprendizagem.

Para Tacca (2006), na sala de aula, portanto, atividades reflexivas motivadas são aquelas que unem o sujeito e o pensamento. Ensinar, assim, significa mais do que transmitir conteúdos: implica atuar procurando atingir a estrutura motivacional do aluno que se encontra unida aos processos de pensamento. Assim sendo, o aluno parte de uma linguagem interior que, para Vygotski (2001), realiza um trabalho que contribui para uma melhor fixação e unificação da matéria aprendida. É essa linguagem interior que acaba desempenhando o papel do pensamento e assegurando a passagem para a forma verbalizada em voz alta.

É assim que o pensamento se transforma em verbalização, que seria o falar, que é exteriorizar o pensamento do sujeito, nesse caso o do aluno, este tem que se expor para saber se o processo de aprendizagem foi desempenhado. Segundo Tacca (2006), não haverá processo de intervenção para a aprendizagem consistente se, por medo ou insegurança, o aluno não exteriorizar. Sabe-se que essa tarefa não é nada fácil, situação essa que quase não se coloca o aluno no cotidiano escolar.

“No entanto, esta seria uma habilidade a ser desenvolvida tanto para que o aluno possa se tornar mais consciente de seus processos de aprender, como seria de muito valor para que o professor pudesse encontrar recursos ou canais dialógicos mais adequados para seu grupo de alunos, ou para um aluno especial.” (TACCA, 2006, p.50).

Entende-se que as estratégias pedagógicas são essenciais para o processo de ensino aprendido junto com o trabalho pedagógico que pode condicionar uma educação de qualidade por meio da compreensão do professor em desenvolver boas estratégias de educação, para aumentar o conhecimento do aluno através do fazer pedagógico e das relações sociais.

Para fazer dar certo a ação do professor com o trabalho pedagógico e com isso relacionar o processo de ensino-aprendizagem, é interessante falar das práticas educacionais, que tem como competência do professor organizar e planejar essas ações de acordo com as reais necessidades do aluno. Para Zabala (1998), no momento em que se produzem os processos educacionais, ela tem um antes e um depois: o planejar e a avaliação do processo. A avaliação é importante e necessária para perceber se os conteúdos passados pelos educadores foram compreendidos pelos alunos.

Por isso, é importante que os educadores saibam que um trabalho mantedor de ótimos resultados acontece quando tem dedicação total, não sendo limitado apenas à sala de aula, mas sempre procurando inovar suas práticas pedagógicas. O fazer pedagógico só é mudado e tem efeito quando o professor sabe a real necessidade dos seus alunos. Segundo Zabala (1998, p.13) “um dos objetivos de qualquer bom profissional consiste em ser cada vez mais competente em seu ofício. Geralmente se consegue esta melhoria profissional mediante o conhecimento e a experiência: o conhecimento das variáveis que intervêm na prática e a experiência para dominá-las”.

O fazer pedagógico de qualidade ocorre nos casos em que o professor consegue potencializar os saberes do aluno, deixando-o com a auto-estima elevada, assim eles conseguem deixar de lado a própria realidade de vida cruel que cada estudante enfrenta, acreditando que é possível mudar a qualidade de vida dos mesmos, a partir de boas estratégias pedagógicas, que levam ao sucesso escolar.

O fato é que só a escola não faz a educação do aluno, a escola é o local físico que está relacionado com a inclusão e a socialização, mas é o professor que faz a mediação do trabalho pedagógico com base na interação, e assim propõe possibilidades de uma prática inovadora na qual o aluno seja o sujeito do seu conhecimento.

Mas em muitos casos acontecem o contrário de tudo isso que foi falado. Há muitos teóricos da pedagogia tradicional que acreditam que essas estratégias não influenciam na aprendizagem da criança, porque predomina, nessa tendência tradicional, o ensino que se

preocupa com o conteúdo, com ênfase nos exercícios repetitivos e de recapitulação da matéria, exigindo uma atitude receptiva e mecânica do aluno. Os conteúdos são organizados pelo professor, numa seqüência lógica, e a avaliação é realizada através de provas escritas e exercícios de casa. De acordo com essa pedagogia tradicional, o professor é o dono do saber e o aluno é aquele que aprende.

Sendo assim, o professor é a figura central, ele transmite o conteúdo de forma sistematizada e o aluno absorve esses conhecimentos como se fosse “um papel em branco”, e é assim que o aluno se sente, ele aprende e fica por isso mesmo, sem nenhum porquê de aprender aquilo. Para Herbart, um teórico que contribuiu em afirmar a pedagogia tradicional, a disciplina se dirige à vontade do educando; pretende conformar o caráter deste com vistas a uma conduta moralmente valiosa para chegar à intimidade do aluno e atingir os objetivos que se propõe a formação disciplinar. A disciplina era essencial para o aprendizado, em que as posturas de autoridade do professor exigiam que os conteúdos fossem decorados ao invés de aprendidos. Para participar do processo educativo/formativo, os alunos fazem provas para testar o seu aprendizado, até os dias de hoje esse método da pedagogia tradicional é utilizado, mesmo surgindo teóricos, como por exemplo, Emilia Ferreiro, querendo modificá-lo e modernizá-lo. Para Herbart, “a intenção de vincular o aprendizado dos conteúdos memorizados com a internalização da necessidade de obediência ao mestre da seguinte forma: um dia me agradecerás!” (2003, p.43).

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

2.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente trabalho foi realizado em uma Escola Pública do Distrito Federal. A abordagem utilizada na pesquisa foi qualitativa.

A pesquisa qualitativa na educação surge mais ou menos na década de 70 no Brasil, antes disso teve suas práticas desenvolvidas na antropologia, em seguida, pelos sociólogos em estudos sobre a vida em comunidade, só posteriormente surgiu na educação. Para Triviños, esse tipo de pesquisa veio para ser uma facilitadora em busca de entender o real processo educativo, em meio a propor metodologias para a pesquisa em educação.

“Essa postura qualificadora manifesta dos processos educativos que se apresentava livre, como se não estivesse sujeita a nenhuma expressão teórica determinada, estava dando resposta, em forma consciente ou não, a uma dimensão positivista da explicação dos fenômenos sociais”. (TRIVIÑOS, 1987, p.116).

Para entender melhor a pesquisa qualitativa, primeiramente tem que conhecer o que é etnografia, e com isso, vem à tentativa de definir a mesma, o que não foi uma tarefa fácil, pois os desdobramentos desses estudos tem o enfoque em discutir a cultura de um povo e ao mesmo tempo observá-los, em busca de conhecer e entender o que é desconhecido, e ter interesse em diferentes realidades culturais, segundo Triviños:

“A etnografia baseia suas conclusões nas descrições do real cultural que lhe interessa para retirar delas os significados que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade. Isto obriga os sujeitos e o investigador a uma participação ativa onde se compartilham modos culturais (tipos de refeições, formas de lazer etc..). Isto é, em outros termos, o pesquisador não fica fora da realidade que estuda, à margem dela, dos fenômenos aos quais procura captar seus significados e compreender.” (1987. p. 121).

O que deixa a pesquisa qualitativa interessante, é o fato do investigador poder se envolver na vida da própria comunidade que está pesquisando, entendendo suas essências e peculiaridades, buscando assim interpretações e significados da realidade no que está sendo investigado, não podendo fugir das suas próprias concepções de homem e de mundo. Para Triviños (1987), o valor científico de seus achados, porém, dependerá, fundamentalmente, do modo como faz a descrição da cultura que observa e que está tratando de viver em seus significados.

Então, é importante enfatizar que a pesquisa qualitativa quer entender que a etnografia é o “estudo cultural”, que desenvolve o enfoque etnográfico, a partir das hipóteses sobre o comportamento humano, tendo uma grande relevância para a investigação em educação, utilizando a ideia de “contexto” nas pesquisas educacionais. Segundo Triviños (1987), os significados e a interpretação surgem a partir da percepção do fenômeno visto num contexto, ou seja, o ambiente influencia quem está sendo pesquisado.

“Se estes são retirados de seu meio habitual é muito difícil chegar a conclusões verdadeiras sobre seu comportamento. O ambiente, o contexto no qual os indivíduos realizam suas ações e desenvolvem seus modos de vida fundamentais, tem um valor essencial para alcançar das pessoas uma compreensão mais clara de suas atividades”. (TRIVINÓS, 1987, p. 122).

Ao se tentar entender a conduta humana separadamente do contexto em que vive ou no qual se manifesta, criam situações artificiais que falsificam a realidade da pesquisa, que levam ao engano, a elaborar interpretações que serão meramente equivocadas.

Além do ambiente, que é importante para realização da pesquisa qualitativa, esse tipo de pesquisa tem várias peculiaridades que, em geral, precisam ser adequadas para sua realização, e com isso precisa-se ter uma direção para efetuação das investigações. Isto é, a escolha de um assunto e o problema, que seria a coleta e a análise das informações. Para Triviños:

“A pesquisa qualitativa não segue seqüência tão rígida das etapas assinaladas para o desenvolvimento da pesquisa quantitativa. Pelo contrário. Por exemplo: a coleta e a análise dos dados não são divisões vedadas. As informações que se recolhem, geralmente, são interpretadas e isto pode originar a exigência de novas buscas de dados.” (1987, p. 131)

A pesquisa qualitativa tem várias formas de coleta de dados, tais como: entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, estudo de caso, observação participante, entre outros. Na presente pesquisa o que se utilizou para a coleta dos dados, foi a observação participante, uma vez que a pesquisadora foi a campo observar e ao mesmo tempo participar das atividades realizadas no trabalho pedagógico.

A partir da observação participante foi realizada a pesquisa. É, no fundo, uma técnica composta, na medida em que o observador não só observa como também tem de se socorrer de técnicas de participação das tarefas construídas durante as aulas observadas e participando como mediadora. Segundo Gil (2008), a observação desempenha papel imprescindível no

processo de pesquisa. “É, todavia, na fase da coleta de dados que o seu papel se torna mais evidente”. É um método que se utiliza da obtenção de dados, a partir da observação sendo uma investigação.

Para Gil (2008), a observação nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano. Mas ela tem que ser planejada em cima do que o pesquisador pretende observar. Esse método pode ser estruturado ou não estruturado. No caso desta pesquisa, a observação participante, por sua própria natureza, tende a adotar forma não estruturada.

A observação participante nada mais é o observador assumindo, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Nesse caso é o que ocorre na escola em que é realizada a pesquisa, em um mesmo momento que está realizando as observações dos alunos em detrimento do ponto de vista da pesquisa, participa-se do grupo para realizar o trabalho pedagógico. Segundo Gil (2008), pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo, a partir do interior dele mesmo. É conhecer a sala de aula que está fazendo a pesquisa.

“Esta observação pode ter duas formas distintas: uma é (a) natural, quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga; e (b) artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma investigação”. (GIL, 2008, p. 103). Esta pesquisa usa-se da observação participante artificial, na qual o pesquisador se integra no grupo, para realizar a observação.

2.2 OBJETIVO DA PESQUISA

- Compreender, com base na perspectiva histórico-cultural, fatores que impactam o processo de ensino-aprendizagem do professor e alunos de uma turma de 2ª ano de Escola Pública do Distrito Federal.

2.2.1 Objetivos específicos

- Perceber como as estratégias no trabalho pedagógico influenciam ao aprendizado e desenvolvimento do aluno;

- Observar quais os fatores que contribuem para o fracasso escolar, e como se pode auxiliar, por meio de “atividades estruturadas”, para que isso não ocorra.

- Compreender as atividades planejadas a partir das necessidades dos estudantes envolvidos na pesquisa.

2.3 Sujeitos e Local da Pesquisa (Contexto da pesquisa)

Participaram, como sujeitos desta pesquisa, o total de 24 alunos, de idade de 7 e 10 anos, sendo 13 meninas e 11 meninos. A escola é pertencente à rede pública da Secretária de Estado da Educação do Distrito Federal, e a turma analisada foi a do 2º Ano do Ensino Fundamental 1, no período vespertino.

O espaço físico da escola em que foi realizada a pesquisa, passava por momentos difíceis na sua estrutura, os alunos sofriam com a estrutura mal organizada, por isso a escola estava passando por uma reforma e os alunos, quase ao final do ano letivo escolar, tiveram que ir para uma escola provisória para terminar o ano, e não ficar sem estudar e fechar os conteúdos propostos.

A escola é composta por: 16 salas de aula; sala de leitura; sala de vice-direção; sala dos professores; sala de coordenação pedagógica; sala da equipe de apoio ao ensino e à aprendizagem; secretaria; cantina; cozinha; depósito de mantimentos; depósito de material de limpeza; quadra de esportes para prática de Educação Física (não coberta); banheiro feminino e banheiro masculino para professores; banheiro feminino e masculino para os alunos; banheiro para servidores.

No seu anexo, onde é oferecida Educação Infantil, temos: 5 salas de aula; corredor (utilizado como sala de coordenação de professores); sala de direção/secretaria; consultório odontológico; 2 depósitos (um de material de limpeza e outro de material de expediente); banheiro infantil masculino; banheiro infantil feminino; parquinho (que precisava de vários reparos). Em cada sala de aula temos um quadro de giz, cadeiras para os estudantes, ventilador e quadro branco, armários para educadores, e temos também 1 DVD e uma TV 29 polegadas. Os quadros brancos foram reformados.

A pesquisa foi realizada no período do 2º semestre de 2013, no início ao fim do semestre. A escolha da escola foi feita, por ocorrer o Observatório da Educação, que é um programa de pesquisa da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) em parceria com o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), no qual está inserido o projeto de pesquisa da UnB, que tem como participantes alunas de mestrado da Universidade de Brasília e alunas da graduação, realizando atividades estruturadas como : a produção do livro coletivo, a carta para o papai Noel, caça palavras, formação de palavras, entre outros, que ajudam a desenvolver o aprendizado dos alunos da alfabetização. O quesito de escolha do turno foi feito porque a turma na qual acontecia o observatório teria aula apenas no período da tarde. Já em relação à

turma, está foi escolhida por ser uma turma de alfabetização, que o Observatório da Educação tem o objetivo de desenvolver o trabalho do nessas series de inicialização do ensino, uma vez que os alunos passavam pelo processo de alfabetização e alguns estavam com dificuldades.

2.3.1 Procedimentos

O procedimento desta pesquisa configurou-se a partir da participação no trabalho do Observatório da Educação, que é um projeto desenvolvido pelo CAPES (Capacidade de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) junto ao curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Esse projeto é preparado com o objetivo de investigar as concepções e as práticas de alfabetização, letramento e de desenvolvimento dos alunos presentes na escola e suas interfaces com as avaliações institucionais e do sistema de ensino, com vista no impacto na prática pedagógica do professor e no desenvolvimento das crianças.

O projeto busca ajudar os alunos com maiores dificuldades no processo de alfabetização e, com isso, cria-se estratégias pedagógicas para o não fracasso escolar desses alunos. O grupo é composto por 4 alunas: uma aluna mestranda, que faz o seu projeto de pesquisa em cima das situações vivenciadas por essas intervenções; outra aluna que já apresentou sua tese de mestrado e está na escola pra realizar pesquisas; a terceira é do penúltimo semestre de pedagogia, que apenas faz parte do observatório; e a quarta, que é aluna de graduação no curso de pedagogia.

As atividades do observatório são planejadas junto com a professora regente da turma estudada, uma vez por semana, e dessa forma são determinadas as tarefas que serão realizadas com a turma . Normalmente são trabalhadas com os alunos as atividades estruturadas, com base nas maiores dificuldades apresentadas pela turma. Como eles estão em fase de alfabetização, as atividades são voltadas para escrita, leitura e as operações básicas matemáticas.

As atividades são realizadas no dia seguinte às reuniões do planejamento no período da tarde, depois do intervalo dos alunos, das 16 h às 18 h. As práticas pedagógicas são concretizadas a partir de atividades lúdicas, que envolvem a participação de todos os alunos da sala a fim de desenvolver o conhecimento e o ensino-aprendizado desses alunos, despertando o interesse deles, no intuito de promover mudanças significativas no contexto escolar, que venha a desenvolver não só o cognitivo do aprendiz, mas também a formação que o compõe enquanto ser humano.

No decorrer dos dias na escola, foi possível compreender, mediante a observação participante e o registro etnográfico, a rotina que a professora tenta estabelecer, uma vez que os alunos passaram por uma fase de transição de professoras, pois a professora que iniciou o ano com esses alunos entrou de licença maternidade, e assim, foi substituída pela professora observada nesta pesquisa, que passou no concurso de professor substituto da SEDF e assumiu o posto. Os alunos do 2º ano estão se adaptando à nova professora. Sendo assim, foi feito o registro de cada dia das atividades feitas na escola, observando o cotidiano, o funcionamento das aulas e as práticas pedagógicas que caracterizam o Ensino Fundamental na fase de alfabetização. Com isso, tentou-se realizar uma análise reflexiva com o envolvimento dos conhecimentos teóricos e as práticas educativas pedagógicas. A partir disso, as participantes do observatório e a aluna pesquisadora fizeram atividades que envolviam as práticas que a professora já fazia com a turma e auxiliavam o desenvolvimento desses alunos, a partir das dificuldades que eles apresentavam, que nesse caso era a leitura, escrita e as operações matemáticas, que estão na fase de aprendizagem.

CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

À luz do referencial teórico, a pesquisadora relata a vivência em sala de aula e analisa os episódios ocorridos durante a presente pesquisa, a fim de refletir sobre as estratégias pedagógicas e a formação de conceitos no processo de ensino-aprendizagem no 2º ano do Ensino Fundamental. As análises e discussões dos dados estão relacionadas às observações feitas em sala de aula.

A análise dessas observações obedece o interesse de detalhar as informações produzidas ao longo das atividades observadas, em que predomina a interpretação da própria pesquisadora em relação à interação entre o professor e o aluno, se ocorre esse contato e identificar se o professor faz o papel de facilitador do aprendizado. As observações ocorreram em dias que as atividades eram estruturadas a partir de tarefas diferenciadas do trabalho pedagógico, em busca de colaborar e perceber fatores que impactaram o processo de ensino-aprendizagem. São observações singulares, por isso foram transcritas, comentadas, para assim serem analisadas. As análises foram divididas de acordo com as características de cada observação, como a relação entre professor e aluno, planejamento, estratégias pedagógicas e pedagogia tradicional, sistema escolar e falta de apoio familiar.

ANÁLISES:

Relação professor-aluno

Logo no primeiro dia de observações, o contato com os alunos não foi em sala de aula, foi realizado em uma sala separada da que eles estavam tendo aula com a professora regente. As pesquisadoras participantes do observatório de educação fizeram uma “avaliação” individualizada para ver como está o nível de aprendizado dos alunos, e como elas poderiam trabalhar com eles no coletivo. Foram selecionados alguns alunos e em especial um, que chamou a atenção da pesquisadora que estava observando, o nome dele é Kauê (nome fictício).

O Kauê tem 7 anos. Pelo o que foi constatado, ele sabe escrever o primeiro nome, mas não sabe o sobrenome, escreve de uma forma que acredita ser o nome todo em uma letrinha, então acaba sabendo só o pré-nome. A pesquisadora dá, à professora que está realizando a

observação, o nome de Kátia (nome fictício), e esta começa fazendo uma dinâmica com ele, a partir do que ele perguntou. Kauê diz:

K: Qual é a sua idade, professora?

KA: Minha idade é 23. E a sua?

K:A minha é 7.

A Kátia escreve a idade dela em uma folha e pede para ele escrever a dele também. E o Kauê diz:

K: Professora, eu não sei escrever.

KA: Então, eu vou escrever para você e você escreve em seguida, ok? E assim você escreve como achar que é certo.

K: Então, está bom.

Kauê, na hora da escrita, ainda tem uma dificuldade, ele consegue identificar as letrinhas, mas não sabe escrever, Com exceção do pré-nome. As suas letrinhas escritas ainda são espelhadas e seus números também, mesmo em suas cópias. Essa ocorrência é considerada comum em seu início de alfabetização, e pode-se perceber que, quase ao fim do ano, ele ainda passa por esse processo com dificuldade. Foi constatado, também, que quando a pesquisadora escreve primeiro e logo após o aluno escreve, ele sente uma segurança maior na sua escrita.

Segundo Tacca(2006), não haverá processo de intervenção para a aprendizagem consistente se, por medo ou insegurança, o aluno não exteriorizar. Sabe-se que essa tarefa não é nada fácil, É uma situação em que quase não insere o aluno no cotidiano escolar.

“No entanto, esta seria uma habilidade a ser desenvolvida tanto para que o aluno possa se tornar mais consciente de seus processos de aprender, como seria de muito valor para que o professor pudesse encontrar recursos ou canais dialógicos mais adequados para seu grupo de alunos, ou para um aluno especial.” (TACCA, 2006, p.50).

Com as atividades feitas, em outros dias de observação é percebido que Kauê passa por grandes evoluções. A tarefa que foi realizada era a ilustração de um livro feito pela turma, o 2º ano “B”. Com isso, eles são os “autores” do livro, e cada um ganha uma cópia, na qual eles precisam escrever o nome e sobrenome e fazer a numeração das páginas o livro foi intitulado “Boneca Despenteada” pelos próprios alunos. Essa foi uma atividade executada logo após a construção da oficina do livro coletivo, em que a turminha observada construiu

um livro a partir dos objetos tirados da “sacola surpresa”, Atividade em que cada aluno tirava um objeto e transformava em uma história. Nessa observação, onde a turma está fazendo a numeração das páginas e escrevendo o pré-nome e sobrenome, o Kauê chama a professora para observar o que ele estava fazendo e se estava fazendo certo, primeiramente escreve o primeiro nome e fala para professora:

- É assim né, tia?!

Professora responde:

- Está correto, é assim mesmo, está de parabéns Kauê.

E então, o Kauê pede para esperar, porque ele queria mostrar que sabia escrever o sobrenome também, e gostaria que a professora visse para ter realmente certeza de que estava correto. O mesmo ocorreu com os números, que logo em seguida ele fez, e que antes ele escrevia espelhado e com o auxílio da professora que estava mediando a tarefa para o desenvolvimento e aprendizado do aluno percebe que ele estava fazendo corretamente. Dessa forma, “a diferença entre o nível das tarefas realizáveis com o auxílio dos adultos e o nível das tarefas que podem desenvolver-se com uma atividade independente, define a área de desenvolvimento potencial da criança” (VYGOTSKY, 1934/1988, p. 112), também denominada de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Antes da escrita certa, principalmente dos números, Kauê tinha 10 páginas do livro para numerar, antes ele dizia que não conseguia escrever e agora escreveu de 1 a 10, e pediu para a professora conferir dizendo assim:

-Tia, tia...Agora eu sei escrever, olha aqui, o que eu fiz, numerei tudo.

A professora diz:

- Eu sei que você é muito esperto, e eu vi você numerando porque estava aqui do seu lado.

K: Pode conferir, para ver se está certo.

No momento em que a professora estava olhando página por página, ela percebe que tem algo de errado, que o número 2 e o 6 estavam ao contrário, que ele colocou o 2 no lugar do 6 e vice versa . Então, para não constranger o aluno, ela pergunta se ele achava que estava certo, e escreveu ao lado do número que ele tinha feito e ele percebe a diferença, e assim, pega a borracha e faz a correção. E ele diz:

- Estava só ao contrário, né, tia?

- K: Era sim, não estava errado, você só fez ao contrário e agora já corrigiu.

Esse fato mostra que a ZDP é a verdadeira janela de oportunidade para aprendizagem, sendo necessário que o professor conceda e coloque em prática tarefas de ensino e

aprendizagem que potencialize o desenvolvimento. “Esse sujeito aprende interativamente, e com isso, surgem novas possibilidades em seu desenvolvimento. Não há dúvida, portanto, sobre o caráter fundamental das relações estabelecidas entre professores (adultos) e alunos(crianças)” (TACCA, 2008, p. 40).

Atividades de Planejamento

Esse episódio foi destinado à realização do planejamento. Para acontecer as atividades seguintes, estavam presentes a professora regente, a coordenadora do observatório e outras 3 pesquisadoras, a mestranda, a aluna de graduação e a aluna que estava pesquisando para a realização da monografia, que essa precisa participar das reuniões para ajudar nos planejamentos, e perceber a importância de construir as atividades antes da realização.

O planejamento é importante para a realização da tarefa, pois norteia as ações das atividades e também contribui para que atinja o êxito do ensino-aprendizagem. A sua ausência pode ter, como conseqüências, atividades monótonas, desorganizadas, desencadeando, assim, o desinteresse dos alunos e tornando as atividades desestimulantes. Segundo Faria (2009), O planejamento é ato; é uma atividade que projeta, organiza e sistematiza o fazer docente no que diz respeito aos seus fins, meios, forma e conteúdo, que tenham fundamental importância para atividades planejadas.

De acordo com Libâneo, “o planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas, em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino”. Dessa maneira, o planejamento torna-se um instrumento essencial para o professor elaborar o seu método e conseguir atingir o objetivo da tarefa dada, Levando em consideração o tempo disponível e os materiais que serão utilizados na realização da atividade proposta. O planejamento feito para a atividade do dia foi baseado nas necessidades e dificuldades que a professora estava tendo dentro de sala de aula, tais como a desorganização e desobediência dos alunos e a falta de valores. Dessa forma, o essencial era trabalhar os valores com esses alunos, como o respeito, a amizade, o comportamento, boas maneiras, entre outros.

Assim, foi pensado em contar uma história, e a partir dela, os alunos iriam realizar uma tarefa. Quando alguma história é contada na turma, de acordo com a professora regente, que eles ficam sempre bem atentos, comportados e prestando atenção, é um dos momentos

que eles estão envolvidos com a aula, e por isso, foi interessante contar uma história. Pensou-se também em fazer uma oficina como uma atividade continuada, com um tema definido. Foi escolhido o conto “Quem pegou minhas pintas?”, de Telma Guimarães Castro Andrade, e a partir dele, eles deveriam construir sua própria história em grupo, e depois, tendo uma maior autonomia, iriam produzir o livrinho individualmente. Os materiais utilizados, divididos nos grupos, seriam: cartolina, lápis de cor, giz de cera, canetinhas e o quadro de histórias, para atrair os alunos no momento de contar as histórias.

A partir desse planejamento, foi observado, de acordo com o que foi proposto, que realmente aconteceram as atividades. Foi feita em sala de aula, com a professora regente presente para ajudar com as propostas. A história “Quem pegou minhas pintas?” foi contada, à maneira descontraída, com a ajuda do quadro de imagens, em que estes eram os personagens da história.

Após esse momento, uma aluna levanta o dedo e diz que cada um poderia contar seu conto e dar continuidade à história que eles tinham acabado de escutar. Após esse momento, foi pedido à turma que se assentasse e que fossem divididos em grupos, e assim entregamos uma cartolina, a fim de que as crianças desenhassem, contando e refazendo a história, da forma que o grupo quisesse, com a ideia de que elas usassem a criatividade para criar o título, e assim, elas elaboram o trabalho e compreendem o que é a proposta.

“A aprendizagem, em seus diferentes níveis, deve procurar a atividade criativa do aluno. O aluno deve passar da compreensão de um tema à elaboração de novos conhecimentos, a partir do modelo teórico que se desenvolve como unidade subjetiva do aprendido.” (TACCA, 2008. p.36).

A professora explica como será a atividade, cada grupo recebe uma cartolina e o objetivo é construir a história que todos acabaram de escutar conjuntamente. O João (nome fictício) pergunta:

- Como todo mundo vai usar a cartolina?

P: O grupo decide se vai dividir ou se vai utilizar a cartolina toda. E não esqueçam de que cada um deve escrever o seu nome, tem que ter o nome de todos no trabalho, porque vocês são um grupo.

O outro aluno, Guilherme (nome fictício), pergunta:

- Professora é uma história nova ou dessa história que a gente acabou de escutar, tem que ter a onça?

P: É a partir da história que vocês escutaram, mas podem usar a criatividade e fazer do jeito que vocês quiserem, mas precisa ter a onça.

Quando o trabalho com a cartolina estava sendo construído, a pesquisadora observou que o contato da professora com os grupos foi essencial, para o trabalho ser bem feito. Todos os grupos estavam querendo chamar a atenção da professora e pediam para ela fazer os desenhos que eles não sabiam, para que eles pintassem após. Os alunos tinham sempre aquela vontade de ter a aprovação da professora, querendo saber se o trabalho estava bom. Além disso, Um aluno (A) de um dos grupos chama a professora (P) e diz:

-Professora, não queria que fizesse o desenho pra mim, mas gostaria que só me desse dicas de como poderia ser feito o desenho, e como a gente divide a cartolina para todos.

P: Quais os animais da história vocês querem fazer? Vocês poderiam dividir a cartolina em 4, uma parte para cada um fazer seu desenho e sua história.

A: É mesmo professora, podemos sim.

Ele pega uma canetinha e pede para a professora dividir certinho.

A: Tem que ter a onça, pois a história é da onça, uma floresta, árvores, plantas e outros animais. Podemos fazer um castelo?

P: A história é de vocês, então podem fazer o que quiserem. É só imaginar como é cada animalzinho e desenhar.

A: É mesmo, né?!

E dessa forma eles fizeram o trabalho e, por fim, pediram ajuda para a escolha do título da história, e a professora fez o mesmo processo com todos os grupos, perguntou o nome da história, disse que uma pessoa do grupo deveria ser a responsável por escrever o título e em seguida falou-o devagar, para que cada um pudesse identificar o som que estava sendo emitido. Essa mediação da professora os ajudou a escrever o título e todos do grupo ajudavam também, quando a professora citava as letras, eles identificavam e a pessoa responsável por escrever, escrevia o que o grupo tinha dito.

Diante das observações, pode-se identificar que quando o professora fica mais próxima dos alunos, quando tem um diálogo entre eles, o processo de ensino-aprendizado acontece, ou a atividade é realizada, ocasionando a troca de conhecimento da professora com a dúvida dos alunos. Partindo disso, percebe-se que o desenvolvimento da atividade foi realizado conforme o programado, e poderia não ter sido, se não houvesse essa relação tão próxima entre a professora e os alunos.

Com isso, o professor pode propor e desenvolver atividades que tenham essa construção das relações sociais entre os próprios alunos e entre professor-aluno. O brincar, os jogos pedagógicos, as atividades em sala de aula em grupos, como essa que foi realizada, são opções de estratégias pedagógicas que direcionam os processos de significação de aprendizagem.

“A aprendizagem pode acontecer a partir de uma interação direta com o objeto de aprendizagem, ou através da mediação de outra pessoa, realizada através de um instrumento simbólico que pode tomar a forma das várias linguagens hoje existentes”. (BARBOSA, 2006. p.12).

A atividade aconteceu no tempo que foi destinado a ela e da forma que foi planejada, e assim é percebida a importância de pensar nas atividades antes de realizá-las.

Como as atividades foram bem criadas e definidas, os alunos se sentiram motivados em realizá-las, e ao final, quando as cartolinas estavam prontas, eles quiseram apresentar para toda sala.. Então foi feita uma roda e um dos alunos disse assim:

- Vamos apresentar nossos trabalhos, que ficaram bem legais e bonitos.

E quando eles se assentaram e fizeram a roda, e cada grupo foi ao meio apresentar todos do grupo queria segurar a cartolina, com o sentimento de que esse trabalho foi construído por mim.

Estratégias pedagógicas X Pedagogia tradicional

Em duas observações, em dias diferentes, foi percebido que nem sempre as estratégias pedagógicas, que são consideradas “atividades estruturadas”, dão certo. Em uma das atividades diferenciadas, foi proposto que os alunos escrevessem uma carta para o papai Noel e na outra atividade foi pedida a construção do livro coletivo. Em alguns momentos das atividades, os alunos se mostraram muito dispersos, porque quando se faz atividades diferenciadas para gerar incentivo e motivação nos alunos, eles sentem uma liberdade maior, e pensam em não fazer a atividade. Mas o interessante das estratégias é fazer com que os alunos se sintam à vontade para fazer as atividades propostas e não sintam a obrigação de participar dessas tarefas.

Era uma tarde muito ensolarada e quente no dia em que os alunos escreveram a carta ao Papai Noel, e para não atrapalhar o desenvolvimento da atividade e nem eles reclamarem

do calor, as pesquisadoras e a professora regente resolveram ir para um local no pátio da escola, onde estava mais fresco para os alunos se sentirem à vontade e não passarem tanto calor, tornando, assim, a atividade mais descontraída. Quando chegaram ao pátio, eles se acomodaram e começaram a pensar no que poderiam pedir ao papai Noel, pareciam bem empolgados com a atividade. Alguns alunos já tinham mais facilidade com a escrita e já iam desenvolvendo a atividade, outros só conseguiam com o auxílio das pesquisadoras e da professora regente.

Foi percebido que dois dos alunos não queriam participar das atividades, o Guilherme e o Felipe (nomes fictícios). A professora (P) foi até eles para perguntar o que estava acontecendo, por que eles não queriam participar.

P: Meninos, porque vocês não querem participar? Não querem ganhar o presente do papai Noel?

Felipe responde:

- Ah não tia, não estou a fim, não quero fazer essa atividade, o papai Noel já sabe o que eu quero. Prefiro brincar, é muito mais legal, depois você passa uma atividade em sala e eu faço,

Guilherme responde também:

- Prefiro ficar aqui brincando, quero fazer nada não professora.

P: Mas o papai Noel só vai ficar sabendo o que vocês querem se vocês escreverem a cartinha.

Eles continuaram sem querer fazer essa atividade, e foram brincar de “bafó”, um joguinho de cartas. A professora resolveu fazer um acordo, em que eles poderiam voltar a brincar após o término da atividade. Os alunos (A) respondem:

- Então, está combinado, professora.

E um deles comenta:

- Professora, mas não sei muito bem escrever o que eu quero, a senhora vai ficar nos ajudando?

P: Vou ficar sim. Qualquer dúvida vocês podem me perguntar que eu vou ajudar. Agora vai ficar mais fácil de fazer a atividade, né?

A: Vai sim professora. Gosto quando você ajuda a gente.

Então, Foi verificado que a professora redobrou a atenção a esses dois alunos, toda hora ela ia até eles para ajudar. Ela perguntou a eles os nomes dos brinquedos que eles gostariam de ganhar, e então os ajudou a escrever.

Guilherme (G) responde:

-Professora, eu quero ganhar um boneco do homem de ferro, porque ele se parece comigo.

A professora fala devagarzinho, para ele entender o som, e com isso, depois dela repetir algumas vezes, ele vai soletrando as letrinhas, conhecendo seus sons e escrevendo-as, em seguida pergunta à professora:

- Professora, eu escrevi certo? Eu acho que é assim.

Então ele lê a palavra e fala que quer escrever mais para o papai Noel, que ele era um menino bonzinho.

P: Isso está correto, viu como você sabe das coisas. Eu sei que você consegue. É um menino bastante esperto. Então vamos escrever mais para o papai Noel.

G:Professora, eu adoro quando você me ajuda. Quero sua ajuda sempre, para eu aprender tudo.

E ao final, a pesquisadora percebeu que a cartinha dele ficou ótima, ele escreveu tudo que a professora disse, e ainda escreveu 'beijos' para o papai Noel, sem o auxílio da professora. Quando ele terminou a professora o liberou para brincar.

O outro aluno pediu a professora que ficasse ali ao lado dele apenas para ver se estava correto o que ele estava escrevendo, pois ele já sabia escrever as palavras sozinho. Ela estava sempre o incentivando, dizendo que ele era capaz e que ele poderia escrever para o papai Noel.

Foi percebido em mais de um caso que, quando a professora está mais próxima dos alunos, eles desenvolvem e fazem as atividades. Outra característica marcante da maneira como a professora conduz a ajuda aos alunos é que ela nunca subestima a capacidade deles, sempre acredita em seus potenciais e está sempre falando frases de incentivo como: 'Vamos, você consegue', 'Eu sei que você é capaz'.

Isso mostra que o interesse dela de estar sempre ajudando e influenciando é o que dá e caracteriza o aprendizado. O fato da professora acreditar no potencial das crianças faz com que as próprias crianças acreditem em seu potencial, pois se a professora acha que elas são capazes, é porque elas devem ter algo que faça a professora acreditar nisso. Eles mesmos mostram isso para professora, pelo simples fato dela estar próxima a eles.

A professora relata também que eles só se interessaram a fazer as atividades quando há o contato com a professora regente, e a questão é como é a participação deles em outras atividades em sala de aula, se é diferente e se eles participam, ela disse que normalmente sim, mas que eles fazem porque ela é rígida com eles e eles acabam obedecendo de qualquer

forma. Eles preferem quando ela está à frente ‘impondo’ disciplina a eles, mostrando que é a autoridade em sala, e assim eles a obedecem, caso contrário ficam muito agitados, chegando a ficar sem limites.

A teoria de Hebert, que refere-se à pedagogia tradicional, pode dar certo nessa situação constatada na turma das observações, ele diz que a disciplina se dirige à vontade do educando e pretende confirmar o caráter deste com vistas a uma conduta moralmente valiosa, para chegar à intimidade do aluno e atingir os objetivos que a formação disciplinar propõe. A disciplina era essencial para o aprendizado no qual as posturas de autoridade do professor exigiam que os conteúdos fossem decorados ao invés de aprendidos, para participar do processo educativo/formativo, no qual os alunos fazem provas para testar o seu aprendizado. Para Herbart, “a intenção de vincular o aprendizado dos conteúdos memorizados com a internalização da necessidade de obediência ao mestre da seguinte forma: um dia me agradecerás!” (2003, p.43).

Um discurso muito difundido atualmente diz que as falhas estão presentes em inadequações dos métodos do ensino, em que não existe uma “receita pronta” de como ensinar e, assim, novos procedimentos e métodos pedagógicos poderiam ser usados de acordo com o contexto do conteúdo. Os professores se adequam as situações que estão ali presente no seu dia-a-dia, acabam entrando no comodismo, pois muitas vezes quando o professor tenta fazer algo diferente na tentativa de criar novas formas de ensinar, os alunos não se sentem motivados a participar, pois acabam preferindo aquilo que estão acostumados, ou então, por terem maior liberdade em certas atividades, achando que essa não é importante, que o importante é somente o conteúdo passado pela professora com rigidez, em que eles são “obrigados” a fazer.

Sistema escolar: um descaso com os próprios alunos

O fracasso escolar pode estar presente no próprio sistema educacional. A escola, onde foram realizadas as observações do trabalho de pesquisa, sofria com alguns problemas na sua estrutura física, pois foi construída ainda provisoriamente com blocos pré-moldados de concreto armado, mantendo-se a intenção de se demolir a escola futuramente. Fato que não ocorreu até os dias de hoje.

“É nas salas de aula, no pátio e nos corredores, que os alunos se abrem para o prazer de aprender, descobrem o valor de amizade e do amor, revelam a importância de ter adultos como modelos para a vida. Mas, é nesses espaços também, que conhecem as agruras de estudar em espaços maltratados, sofrem com o descaso e o desrespeito”. (BECINI; BORDAS, 2007, p.31).

Sendo assim, os alunos ainda sofrem com essa estrutura mal organizada. A pesquisadora, durante alguns dias de observação, percebeu que o calor ficava excessivo dentro da sala de aula, que ocorria vazamentos nos dias de chuva e também, em diversos dias, a escola sofria com a falta de água, quando isso ocorria, o trabalho de observação não tinha possibilidade de ser realizado, pois não teria aula para os alunos, e quando eram feitas as atividades de brincadeiras, a grande propagação do som entre as salas acabava atrapalhando a qualidade das aulas e impedia de realizar a atividade proposta. Quando estava muito quente dentro da sala, tinha que haver um ‘plano B’ de atividades, porque os alunos se mostravam desinteressados. Certo dia, no meio de uma tarefa em que os alunos deveriam construir um texto coletivo, Pedro (nome fictício), reclamou de dor de cabeça, dizendo:

-Professora, esse calor está me deixando com muita sede e com dor de cabeça, não consigo prestar atenção na atividade.

Então, ele saiu de sala e ficou um grande tempo na direção, até a dor de cabeça passar, e perdeu a atividade que estava sendo realizada, se sentindo ‘prejudicado e triste por não ter participado’, de acordo com ele.

Estes problemas nas instalações da escola interferem diretamente no processo de ensino e aprendizagem da comunidade escolar. Sabe-se também que eles interferem nos indicadores de aprovação e permanência na escola. “Dessa forma, a escola surge com o objetivo de promover melhoria nas condições de vida da sociedade moderna. Assim, acaba por produzir, na contemporaneidade, a marginalização e o insucesso de milhares de jovens” (BOSSA, 2008. p. 19).

A partir desses problemas, a escola não estava mais propícia a receber seus alunos. Com isso, a Secretaria de Educação tomou algumas providências para reformar a escola, os alunos tiveram que, quase ao final do ano, ainda em fase de aprendizado, mudar de escola. Dessa forma, estão passando por a fase de adaptações que atrapalham ainda mais o desenvolvimento do aprendizado. Isso foi dito pela professora regente, em um dos dias de planejamento que as pesquisadoras foram até a escola da Vila Planalto, alguns dias antes das mudanças para nova escola. Segundo Patto (1996), o processo social de produção do fracasso escolar se realiza no cotidiano da escola e é o resultado de um sistema educacional

congenitamente gerador de obstáculos à realização de seus objetivos. A escola pública falha na tarefa básica de alfabetização das crianças das camadas populares.

Dentre outras coisas que estão acontecendo, a professora regente questionou a duração das aulas, que estão muito corridas e ela não consegue passar tudo que estava planejado, pois quando começa uma atividade com os alunos, já é hora de ir embora. Isso está ocorrendo porque os alunos vão de ônibus para essa nova escola e os ônibus têm um horário programado para pegá-los na escola da Vila Planalto (em reforma) e transportá-los até a nova escola. Até eles se organizarem e chegarem na sala para o início das aulas, eles já perderam tempo. E agora as aulas foram reduzidas para acabar às 17 h, e antes era até às 18 h, então os alunos acabam perdendo 1 hora de atividades em sala. Esse horário também é por conta dos ônibus que vão buscá-los na saída, para não chegarem muito tarde na Vila Planalto.

Quando chegou o primeiro de observação na nova escola, a primeira pergunta feita para os alunos foi como estava na nova escola. Eles disseram que estavam gostando, apesar da escola ter muitas regras. Uma das regras que os alunos reclamaram é que eles não podem correr, e está sendo difícil a adaptação, só há uma coisa boa: a escola nova é linda e a deles irá ficar também. E os alunos também disseram que foi bom não ter mudado mais a professora, pois eles gostavam muito dela e estavam aprendendo muito.

A professora regente também disse que muitos alunos não estavam mais indo à escola por conta dessas mudanças e que reclamavam de ir para lá, pois os pais não estão conseguindo fazer os alunos irem para nova escola, e assim, ficando em casa.

Essas são situações que mostram o descaso do sistema escolar, porque eles não deixaram os alunos encerrarem o ano letivo, para depois pensarem na reforma. A escola desde sempre já precisava de reforma, mas seria melhor que os alunos terminassem o ano letivo, e não mudassem a rotina deles dessa forma, porque isso causa certa confusão e obstáculos para o processo de aprendizagem, que já não é fácil.

Falta de apoio familiar

Nesta aula, a estratégia pedagógica escolhida foi fazer a capa do livro “A Boneca Despenteada” que os alunos produziram na aula passada e também eles mesmos que escolheram o nome. O objetivo dessa aula era eles usarem a criatividade para cada um fazer

os seus bonecos, e com isso mostrar, com autenticidade, os seus desenhos para turma, realizando, logo após, a produção de um desfile. Os alunos usaram diversos materiais de artes para confeccionar seus bonecos como: tinta, canetinha, lã para fazer o cabelo, glitter, cola colorida, lápis de cor e giz de cera.

Após essa atividade, foi feita a ilustração desse livro, a numeração das páginas e eles deveriam, ainda, escrever o nome e sobrenome dos autores dos livros, que eram eles mesmos. Quando estavam na produção dessa atividade, foi percebido, pela pesquisadora, que uma das alunas, que sempre começava as atividades desanimada, sem querer participar muito, se animou depois de ver todos os colegas participando, porque nessas atividades propostas não ocorrem nada forçado, eles tem que se sentir motivados a participarem.

Mas nessa tarefa, Thais (nome fictício) já começou participando bem empolgada fazendo a boneca, e mostrando e pedindo opinião para professora, querendo saber se estava bonita, e realmente ela se mostrou bem criativa. Quando um dos seus colegas fez um comentário sobre família, ela parou de fazer a atividade e foi para de baixo da mesa, e ali permaneceu sem querer terminar nada, sem querer fazer o desfile, as ilustrações e nem o resto das atividades propostas.

A professora tentou um contato com a aluna e ela não quis falar nada, e ali ficou, por muito tempo, até que em um momento a professora chegou para tentar falar com ela mais uma vez. Uma amiguinha (A), que estava ao lado, disse algo que fazia sentido do por quê ela estava daquela forma, a amiga disse:

- Tia, ela está assim porque os meninos sempre ficam no pé dela, comentando de mãe, de pai, e sabem que ela fica triste.

A professora (P) disse:

- Mas por que a Thais fica triste desse jeito, quando eles fazem esses comentários?

A: Porque parece que a mãe dela foi embora e a deixou. Ela vive hoje com o padrasto e também não conheceu o pai. Ela sempre fala que sente falta da mãe.

P: Nossa, é por isso que ela nunca quer participar das atividades, ela sempre está desanimada, né?

A: É por isso que ela não participa de nenhuma das atividades, ela está sempre triste e diz que não vai adiantar aprender nada.

P: Poxa, que triste né?! Mas depois vou conversar um pouco com ela, e espero que das próximas atividades ela participe mais.

Thais não terminou as atividades e continuou bastante triste. Em mais uma tentativa de contato, ela continuou da mesma forma e falou pouca coisa, só fez um comentário que parecia que sentia falta de uma família.

Desde então, essa aluna, a Thaís, foi o centro das observações, porque quando um aluno apresenta esse tipo de comportamento, de não querer participar das atividades, e sendo muito tímida e seletiva, tem dificuldades de socialização e interação com os outros colegas. Só tem uma colega que ela tem mais contato, que foi essa que comentou o que estava acontecendo com a Thaís. Alunas, como ela, estão propícias ao fracasso escolar, a se sentir desmotivada ao aprendizado e não tomar gosto pelos estudos. Essa aluna tem idade diferenciada da do restante da turma, e pelas informações obtidas ela passou um tempo distante da escola, pois houve muito desinteresse da família em mantê-la estudando. Fracasso escolar na infância é mais uma ferida aberta para a família, pode ser um sintoma para não querer permanecer na escola. As crianças nessa fase de escolarização precisam pedir auxílio de alguma forma, precisam ter um “porto seguro”, nesse caso é a família. Além de carências afetivas e emocionais, alunos com baixo rendimento escolar podem apresentar problemas comportamentais e no relacionamento social.

É o que ocorre com a Thais. Em outros relatos da professora regente, pôde-se saber que essa aluna passa por diversos problemas familiares e confirmou a fala da amiga da Thais, que a mãe a deixou e ela mora com o padrasto, que ela já tem 10 anos e não tem nenhum apoio familiar, tem sempre que se virar sozinha, já vai e volta da escola sozinha, sempre está triste, e é difícil ter um contato com ela, por ser bastante tímida e reservada. Mas a professora disse, e também foi observado, que a relação da professora e da aluna está cada vez melhor, e isso mudou o comportamento e o aprendizado da Thaís, ela está até mais participante. Por todos os esses problemas familiares da aluna, a professora tenta ajudar de alguma forma para a aluna permanecer na escola e não sair mais uma vez, como em casos passados.

Esses problemas com crianças que estão em fase de desenvolvimento no aprendizado podem gerar insegurança e elas, que passam por abalos psicológicos, quase sempre demonstram um menor interesse ou rendimento nos estudos.

O problema emocional, cognitivo e afetivo pode interferir no aprendizado da criança, pois, segundo Tacca, (2000), existe a preocupação com as condições e experiências afetivas ou impactos (traumas) que muitos alunos vivenciam na vida social, e que estariam se interpondo negativamente nas suas possibilidades de aprender. O aspecto afetivo do aluno, que está diretamente ligado ao desenvolvimento intelectual do seu aprendizado, pode acelerar

ou diminuir o ritmo de desenvolvimento, determinando inclusive sobre quais conteúdos a atividade intelectual se concentrará.

“Nossas práticas pedagógicas sobre os aspectos que propiciam o posicionamento do aluno como sujeito da aprendizagem, o que necessariamente vai implicar o aluno com suas experiências e ideias no espaço do aprender. Isso é conseguido não apenas com os aspectos técnicos envolvidos na exposição de um conteúdo, mas com o desenvolvimento de relações que facilitam o posicionamento ativo e reflexivo dos alunos, o que nos leva a uma outra consequência ao considerar o sujeito que aprende nas práticas pedagógicas a compreensão da aprendizagem como uma prática dialógica.” (GONZÁLEZ REY, 2008, p. 35)

Diante a esses problemas, a professora tenta um contato maior com essa aluna, por isso muitas vezes ela se sente motivada a participar das aulas, porque a professora está sempre por perto tentando ajudar da melhor forma possível, fazendo uma mediação mais próxima, e, ficou claro que, a relação da professora com ela é muito importante, e que ela se sente mais a vontade e segura com a situação.

Com isso, a pesquisadora observou que, na atividade estruturada seguinte, que foi a ilustração do livro da “A Boneca Despenteada” e a numeração das páginas do mesmo, a Thaís se sentiu mais motivada com a ajuda da professora e toda hora estava em contato com ela, perguntando se a atividade estava certa e se ela poderia ficar ao lado para observar, e assim fez os números com a ajuda da professora até o número 4, depois deste conseguiu ir adiante. Nas ilustrações ela estava pediu que a professora a ajudasse a desenhar e escrever o nome dela por inteiro.

No entanto, no meio da atividade, a Thais não queria mais fazer, dizendo que não sabia, quando a professora percebeu isso foi até ela e disse:

- Thais porque você não quer fazer?
- Porque eu não consigo fazer mais nada. (E fica triste com isso)
- Claro que não! Você consegue sim, e você faz tudo direitinho. O que você acha de eu te ajudar?

Ela aceita a ajuda e ao final estava fazendo sozinha, da forma correta.

Silva (apud PILLETE, p.233) defende que “a motivação consiste em apresentar a alguém estímulos e incentivos que lhe favoreçam determinado tipo de conduta.” Em sentido didático, consiste em oferecer ao aluno os estímulos e incentivos apropriados para tornar a aprendizagem mais eficaz. E esse estímulo parte do professor em sala, uma vez que, no caso dessa aluna, não há o incentivo da família.

Em alguns contatos com a aluna e em algumas falas dela, pôde-se notar a falta de valorização dela diante a família. Muitas vezes isso atrapalha a sua auto-estima, tornando-a anulada, pois ela é tímida isso a torna retraída e com dificuldades de se relacionar. Isso foi constatado porque ela fala baixo, às vezes nem quer responder o que é perguntado, geralmente anda pelos cantos e sempre permanece sentada sozinha quando não tem a companhia da sua amiga. Essas atitudes foram percebidas ao longo das observações. Para Scoz (1994), não há dúvida de que a influência familiar é decisiva na aprendizagem dos alunos. Ainda assim, as dificuldades de aprendizagem não seriam algo só físico ou psicológico, elas podem estar relacionadas aos fatores afetivos e sociais pedagógicos. Ou seja, o aprender está relacionado a fatores que podem ser internos e externos que se relacionam, para dificultar o aprendizado.

Sendo assim, a família é essencial para o desenvolvimento do aprendizado da criança e, se essa criança que não tem uma boa relação familiar, pode vir a ter problemas na escola e não se sentir motivada a aprender, sentindo falta de um incentivo familiar afetivo, pode ainda muitas vezes, se sentir abandonada e insegura, assim causando desinteresse em suas atividades escolares, não sentindo vontade em participar.

Mas no caso da aluna Thaís, a relação professor-aluno esteve forte no momento que ela precisava, e muitas vezes, em momentos de desinteresse, ela procura a professora para estar ali próxima a ela. No caso da outra atividade, a escrita da carta ao Papai Noel, ela estava escrevendo e toda hora gostaria que a professora estivesse perto para presenciar se estava tudo correto, perguntar o que ela poderia pedir para o Papai Noel e como poderia escrever o nome de cada brinquedo. No início das observações, quando ocorria algo dela não saber, ela parava a atividade e ficava quieta e não falava com ninguém, a professora se mostrou disposta a ajudar e ela se sentiu motivada a fazer todas as demais atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das experiências vivenciadas em sala de aula, percebe-se, segundo Tacca (2006), que a relação professor-aluno fornece mais recursos para o ensino-aprendizagem, assim possibilitando que o professor conheça os caminhos percorridos pelo aluno no processo de construção do conhecimento e, assim, tenha meios mais eficazes para mediar e tornar eficiente a aprendizagem.

Durante as minhas observações em sala de aula, pude perceber o quanto a relação afetiva entre professor e aluno auxilia no momento de pensar as práticas pedagógicas. O fato da professora conhecer cada aluno em suas especificidades e reconhecê-los em suas dificuldades a permite pensar em formas de despertar o interesse de todos e de atender as necessidades específicas, e foi assim que pude obter a compreensão de que tem fatores que influenciam ou não o processo de ensino-aprendizagem.

As estratégias pedagógicas planejadas e vivenciadas neste presente trabalho são para perceber que existem diversas formas de incentivar o aprendizado de um aluno. Além disso, foi a partir das atividades diferenciadas no trabalho pedagógico que foi percebida a relação professor-aluno e como esta pode refletir no desenvolvimento do aprendizado do aluno.

Durante as observações, foram percebidos fatores externos que dificultam ou não o aprendizado do aluno, que se o professor não tiver uma ótima relação com seus alunos pode acabar prejudicando o aprendizado, os problemas enfrentados pelo sistema escolar, o apoio da família que está cada vez mais defasado, e assim muitos outros que estão no cotidiano escolar.

É notório como esses fatores externos podem dificultar o processo de ensino-aprendizagem. A presença do professor nesse contato com o aluno, o motiva a querer participar das atividades. Segundo Tacca (2008), o processo de tornar-se sujeito da aprendizagem vai envolver o professor como facilitador, não como "transmissor" do conhecimento.

A pesquisa feita nessa sala de aula e a experiência obtida por meio dela com certeza foi muito importante para o meu crescimento como pessoa e como pedagoga, muito do que eu observei ali pretendo poder exercer na minha prática enquanto professora.

PARTE III

REFERÊNCIAS

_____. O Sujeito que Aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In: TACCA, Maria Carmem Rosa Vilela (Org). Aprendizagem e Trabalho Pedagógico. 2ª edição Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

_____. A zona de desenvolvimento proximal e a relação entre desenvolvimento e aprendizagem. Disponível em:
<http://www.revistapsicologia.ufc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=113%3A-brincadeira-e-educacao-consideracoes-a-partir-da-perspectiva-historico-cultural&catid=36%3Avolume-iii-numero-1&Itemid=54&lang=pt&limitstart=3>. Acesso em: 01 out. 2013.

_____. Caderno de perguntas e respostas: Roteiro para discussão educação integral 2013. Disponível em:
http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/curric_mov/ciclos/educ_integr.pdf. Acesso em: 15 out. 2013.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. Psicopedagogia: um diálogo entre a psicopedagogia ea educação/ Laura Monte Serrat Barbosa. 2. ed. Ver. E ampl. Curitiba: Bolsa Nacional do livro, 2006.

BENCINI, Roberta; BORDAS, Maria Ange. Como o jovem vê a escola: Uma relação de amor e ódio. Revista Nova Escola, São Paulo, n. 200, p. 28-47, mar. 2007.

BOSSA, Nadia A. Fracasso Escolar : um olhar psicopedagógico. Porto Alegre : Artmed, 2008.

COLL, César; ÁLVARO Marchesi; PALÁGIOS Jesús; Desenvolvimento psicológico e educação. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. – 6. Ed. – 2. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2008.

HERBART, Johann Friedrich. Pedagogia geral. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1993.

OKADA, Ana. Linhas pedagógicas: veja como elas funcionam e veja qual combina mais com seu filho. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2009/08/25/linhas-pedagogicas-veja-como-elas-funcionam-e-qual-tem-mais-a-ver-com-seu-filho.htm>> Acesso em: 15 out. 2013.

OLIVEIRA, Paulo Guilherme de Moraes Ramos. Fracasso Escolar é o fracasso do sistema educacional. São Paulo: 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/fracasso-escolar-e-o-fracasso-do-sistema-educacional-diz-especialista.html>> Acesso em: 22 set. 2013.

PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

PIMENTEL, Susana Couto. Mediação para compreensão leitora. Feira de Santana, n.37, p.151-171, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/37/mediacao_para_compreensao_leitora.pdf> Acesso em: 30 set. 2013.

PINHEIRO, Silvia Siqueira; WEBER, Carla. Fracasso escolar: O que as pesquisas recentes indicam acerca de suas causas? Disponível em: <[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/GT20_Psicologia da Educacao/T_rabalho/03_25_32_GT_20_-_Silvia_Siqueira_Pinheiro.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/GT20_Psicologia_da_Educacao/T_rabalho/03_25_32_GT_20_-_Silvia_Siqueira_Pinheiro.pdf)> Acesso em: 30 set. 2013.

SCOZ, Beatriz. Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

TACCA, Maria Carmen V. R. Estratégias pedagógicas Conceituação e desdobramentos com foco nas relações professor-aluno In: TACCA, Maria Carmen V. R. Aprendizagem e trabalho pedagógico. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2006.

TACCA, Maria Carmen Villela Rosa; BRANCO, Angela Uchoa. Processos de significação na relação professor-aluno: uma perspectiva sociocultural construtivista. Revista Estudos de Psicologia, vol. 13. n. 1, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução a pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas. 1987. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/84708933/Livro-Introducao-a-pesquisa-em-Ciencias-Sociais-Trivinos>>.

VYGOTSKY. L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998. 224 p. : ISBN 8573074264.

